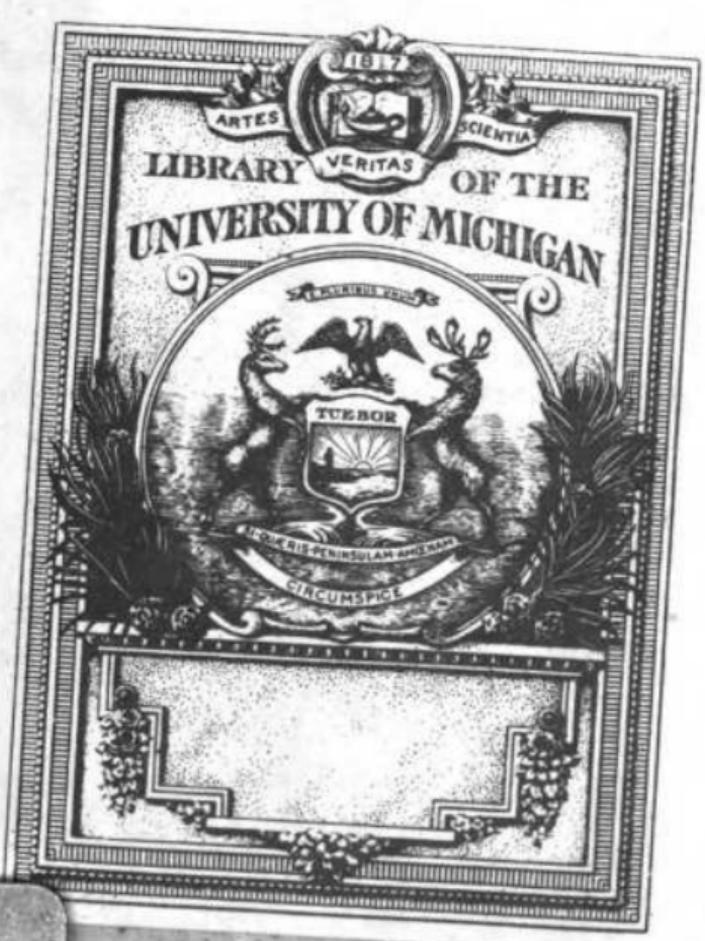




18/x/67 bjo



64

88

221



QUADRAS  
GLOSADAS

POR  
ANTONIO BERSANE LEITE.



LISBOA. M. DCCCIV.

---

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

---

*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

---

*Vende-se na mesma Offidina na Rua da Atalainha  
ao Bairro Alto.*

869.8

L529qu

## DEDICATORIA

À ILL.<sup>ma</sup>, e EX.<sup>ma</sup> SENHORA  
 CONDEÇA DE OYENHAUSEN.

**S**E o Sol não mandasse ás Plantas  
 Amorosos resplendores,  
 Pobres Plantas, morrerião  
 Sem jámais brotarem flores.

Debil planta he minha Musa,  
 Tu és o Sol bemfeitor,  
 Que póde, benigna Alcipe,  
 Dar-lhe alento, e dar-lhe flor.

Tu, que do Monte sagrado  
 As sagradas Filhas reges,  
 Que do Téjo os almos Cysnes  
 Ouves, inspiras, proteges,

Que

Que nas Virtudes és Grande,  
 Que és das Sciencias o escudo,  
 Que para gloria de Lysia  
 Já nasceste Grande em tudo:

Celeste Alcipe, agrilhôa  
 Os meus Destinos adversos,  
 Aos pés do teu aureo throno  
 Acolhe meus rudes versos.

Otoni, e Bocage, ricos  
 Do ethéreo Febêo thesouro,  
 Os seus versos te offerecêrão  
 Em brilhantes Aras de ouro:

Bresane he pobre, e mais pobres  
 Ainda os seus versos são:  
 Para offerecer-tos formou  
 Puro altar do coração,

**Mas**

Mas se Benigna os recebes,  
Ao teu escudo seguros,  
Hirão á Posteridade,  
Calcando os Fados escuros.

Cheios d'Apollo, e de Ti,  
Rompendo bravas procellas,  
Hirão collocar teu Nome  
Muito acima das Estrellas.



**AO**



## EPISTOLA

*Ao Senhor Antonio Bersane Leite.*

**O**S Amores ha muito, ha muito as Graças,  
 E a Deosa, desses Máis, Máis de teus versos  
 Instão que á Patria os des, que os des á Fama.  
 Tarde cedo Tionio á voz divina,  
 Tarde, que vezes cento a Paphia Turba  
 (Nas horas brandas em que aos ais me acode)  
 Carpindó-se de ti, me disse, oh Vate:

- „ O Ingrato, que inspirámos, foge á Gloria,
- „ Ao público louvor se esquivã, e furta.
- „ Grinaldas de amaranto, e mirto, e rosas,
- „ Dos maternos Jardins por nós colhidas,
- „ Sofre que as murche, q as define o Tempo,
- „ Na fronte onde borbulhão, fervem, brincão
- „ Gentis idéas, e expressões mimosas.
- „ Aos Numes do prazer, de Cypria aos Filhos,
- „ Que para eternizalto os sons lhe derão,
- „ Remisso, desleixado, assim responde!
- „ Os Deoses nos Mortaes, que mais amunão
- „ A's vezes corações de ferro encontrão!
- „ Cantor de Teios, os teus versos vivem,
- „ Vivão com elles de Tionio os versos;
- „ E o Numen fallador, que gyra o Globo,
- „ Nelle esparzando-os, amacie as vozes,
- „ Colha brandura do amavel Canto.

Assim, queixosos da tenaz modestia,  
 Com que teu nome a teu louvor negavas,

A

A rósea , tenra face os Deoses hossos  
De ajofar mavioso humedecião.

Emfim cedeo Tionio á voz divina :  
Já vê com gloria o litterario Mundo  
Que brilha hum Genio mais no Ceo das Artes:  
Versôs formosos , adejai sem susto ,  
Meigos Amores , escoltai-lhe o vôo.  
Embora ladre o Zoilo , embora os morda  
Dente canino de Aristarco inerte.  
Os fins se frustrem da escumante Inveja ,  
Que no seu nada quer sumir o engenho ,  
Roer-lhe , apodrentar-lhe a flor , e o fructo :

Prole dos Numes , quasi Nume , o Vate  
Vive no Tempo , na Memoria vive ,  
E vai do Tempo , e da Memoria aos Astros ,  
Converter-se em porção da Eternidade.

Oh Seculo ferrenho , a teu máo grado ,  
Há quem preze a Razão , quem preze as Artes ,  
Há mão que avive , e galardõe o Genio !

Folguem de Fébe Espiritos mimosos ,  
Folga , Tionio , seu querido Alumno :  
„ D'entre as Furnas da Inveja , ou tarde , ou cedo  
Surge a Gloria em triunfo , e nunca morre.

*Bocaje.*

QUA.

QUADRINA I.

*Não temo a cruenta Sorte ,  
Nem imploro o seu favor ;  
A' Ventura , e d' Desgraça  
Tenbo kuma alma superior.*

G L O S A.

**Q**ual zomba do Nóto iroso  
Marpesio rochedo duro ,  
Assim eu firme , e seguro  
Zombo do Fado horroroso :  
Ou veja o Ceo tenebroso ,  
Ou em calma , sempre forte ,  
Tomando a Razão por norte ,  
E tendo a Virtude ao lado ,  
Não receio o negro Fado ,  
*Não temo a cruenta Sorte.*

A

Que

Que são Desgraça , e Ventura ?  
 Nada são , pois seus effeitos  
 Durão só em nossos peitos  
 Quanto a debil vida dura :  
 Que entorne a Desgraça escura  
 Sobre mim o pranto , e dor ,  
 Que a Fortuna superior  
 Dous me prometta a milhares :  
 Nem me curvo a seus altares ,  
*Nem imploro o seu favor.*

Tu me mandas , sã Virtude ,  
 Que eu não mude desta empreza ;  
 Bem qual manda a Natureza  
 Ao rochedo se não mude :  
 Já por ti quebrar eu pude  
 Os laços , que a paixão traça ;  
 Sim , Virtude a tua graça  
 Faz , por influxo brilhante ,  
 Que eu já mostre igual semblante  
*A' Ventura , e á Desgraça.*

Fi-

Filosofia , ao clarão  
De tuas brilhantes luzes ;  
Tu me guias, e introduzes  
Nas moradas da Razão :  
Alli de meu coração  
Me mostras que sou senhor ;  
Já , graças ao teu favor !  
Com hum escudo tão forte ,  
A' Desgraça , ao Fado , á Morte  
*Tenho huma alma superior.*



## II.

*O meu bem na despedida  
 Não fez mais' que suspirar;  
 Apertou-me a mão no peito,  
 Nem hum só ai pôde dar.*

## G L O S A.

**D**E novo o clarim me chama  
 Ao campo do bravo Marte,  
 Que do Idolo meu me aparte  
 Manda a Gloria, manda a Fama:  
 Já fez em mim a alta flamma,  
 Que a triunfar me convida,  
 A prova mais desabrida;  
 Já fez que dos labios meus  
 Ouvisse o ultimo a Deos  
*O meu bem na despedida.*

Tu,

Tudo sentio pena, e dor  
 Em lance tão desabrido :  
 Té chorava arrependido  
 De me haver ferido Amor ;  
 O meu bem, perdida a côr,  
 As mãos levantava ao ar...!  
 Em vão procura fallar,  
 Preza a voz no peito tem ;  
 Quiz dizer-me a Deos, porém  
*Não fez mais que suspirar.*

Té que me diz : „ Bem amado,  
 „ Vai coroar-te de Victorias ;  
 „ Não impeça as tuas glorias  
 „ O meu amor desgraçado :  
 „ Devemos ceder ao Fado !  
 „ Seja com sereno aspeito :  
 „ Parte... „ Mas cedendo ao effeito  
 Da dor, da pena, e da morte,  
 Corre a mim, e com transporte  
*Apertou-me a mão no peito.*

En-

Então grita delirante :

„ Ah ! Parte por compaixão !

„ Já sinto no coração

„ A Virtude vacillante :

„ Vai, meu bé ... ! „ Torna constante .. !

Nisto o clarim rompe o ar ;

Ao partir quiz-me animar ,

Já não pôde ! Oh duros Ceos !

Nem pôde dizer-me a Deos ,

*Nem hum só ai pôde dar.*

SE

## III.

*Tentou-me Amor com promessas  
D'eterna felicidade ;  
Fui sensível á ternura ,  
Consagrei-lhe a liberdade.*

## G L O S A .

„ **E** U tenho hum laço tecido ,  
 ( Diz-me Amor ) „ laço mimoso ,  
 „ Em que te hei de ver ditoso ,  
 „ Ou não hei de ser Cupido ?  
 „ Nelle a hum alto bem unido  
 „ Te has de ver , não esmoreças ;  
 „ Hoje quero que conheças  
 „ As glórias , que tem meus laços :  
 „ Vamos. „ E a seguir-lhe os passos,  
*Tentou-me Amor com promessas.*

En-

Então, qual benigna estrella,  
 Me guiou com terno agrado  
 Ao lugar afortunado,  
 Onde estava Marcia bella:  
 „ Vês (me diz sorrindo) aquella;  
 „ Que he do Téjo divindade?  
 „ Pois he, Tíonio, quem ha de  
 „ Dentro do meu laço estreito  
 „ Inundar teu fido peito.  
 „ *D'eterna felicidade.* „

Nisto Amor desapar'ceo;  
 E eu vendo de Marcia o rosto,  
 Vejo hum divino Composto  
 D'ethéreas porções do Ceo:  
 Marcia he minha, Amor m'a deo,  
 (Grito contra a Sorte dura)  
 E engolfado na ventura,  
 Que me off'rece o Deos menino,  
 Desmaiei, perdi o tino...  
*Fui sensivel á ternura.*

Quant

Quando torno a mim, e ufano  
 Ver Marcia bella pertendo,  
 Me achei junto do tremendo  
 Desabrido desengano:  
 Marcia! (Grito) Oh fero engano!  
 Roubou-ma Amor; mas não ha de  
 Roubar-me a Gloria, a vaidade  
 Da chamma, que me consume...!  
 Hei de amala...! E ante o Nume  
*Consagrei-lhe a liberdade.*



IV.

*Acipreste verde , e triste ,  
Cópia da minha figura ;  
Verde , qual minha esperança ,  
Triste , qual minha ventura.*

G L O S A .

**Q**Uiz á tua tyrannia ,  
Marcia , consagrar meus ais ;  
Busco hum sitio , onde jámais  
Pôde entrar a luz do dia :  
Aonde a Melancolia  
Com a feia Morte assiste :  
Entre o horror , que alli existe ,  
Me assentei inconsolavel  
A' sombra de hum formidavel  
*Acipreste verde , e triste.*

Em

Em tórno de mim giravão  
 Mil espectros horrosos ;  
 Ante meus olhos chorosos  
 Páldas sombras vagavão :  
 Os Genios tristes julgavão  
 Ser eu a Tristeza dura ;  
 Do meu semblante a amargura  
 Lhes davão toda a certeza :  
 Tanto era a mesma Tristeza  
*Cópia da minha figura.*

Entre a dor mais excessiva ,  
 A voz alcei desta sorte :  
 Vem a mim , ó chara Morte ,  
 Marcia já não quer que eu viva :  
 Foi a minha esperança altiva  
 Troféo da sua mudança :  
 Piedoso Acipreste , lança  
 Sobre mim triste verdura ;  
 Seja a minha sepultura  
*Verde , qual minha esperança.*

Fique em teu tronco robusto  
 Pela mão de Amor gravada  
 A memoria desgraçada  
 D'hum amor tão puro, e justo:  
 Leia em ti Marcia o injusto  
 Premio da minha fé pura...!  
 E se a ingrata com ternura  
 Tiver compaixão de mim,  
 Conheça que foi meu fim  
*Triste, qual minha ventura.*



## V.

*Não ha cousa que mais custe,  
Que padecer, e calar;  
A quem adora em segreda  
Fôra melhor não amar.*

## G L O S A.

**B**Atalhão dentro em meu peito,  
Marcia, o Respeito, e o Amor;  
Ambos querem com rigor  
Ver-me ás suas leis sujeito:  
Quer que me cale o Respeito,  
Que a seus dictames me ajuste;  
Que falle, e que não me assuste,  
Manda Amor: Ceos soberanos!  
Satisfazer dois tyrannos  
*Não ha cousa que mais custe.*

O Respeito me intimida,  
 Bella Marcia, já não fallo;  
 Cumpro as leis; mas se me calo;  
 A's mãos de Amor perco a vida:  
 Não posso, Marcia querida,  
 Mais minha chamma occultar;  
 Se calando hei de penar,  
 Se hei de sempre padecer,  
 Eu antes quero morrer,  
*Que padecer, e calar.*

Eu te adora, Bem amado;  
 Já fallei, Marcia, perdão!  
 Não pôde o meu coração  
 Soffrer tanto, e estar calado:  
 Inda que fosse formado  
 Do mais rígido penêdo,  
 Não podéra mudo, e quêdo  
 Soffrer o cruel rigor,  
 Com que tyranniza Amor  
*A quem adora em segredo.*

Quant

Quando o Ceo , Marcia , te encheo  
 Da mais rara formosura ,  
 Capaz de amar com ternura  
 Sensivel alma me deo :  
 Logo parece que o Ceo  
 A fez para te adorar ;  
 Pois se a quizera privar  
 De Gloria tão superior ,  
 Não sentir fôra melhor ,  
*Fôra melhor não amar.*



VI.

*Se eu brigar c'os meus Amores ;  
 Não se intrometta ninguem ;  
 Que acabados os arrufos ,  
 Ou eu vou , ou ella vem.*

G L O S A.

**P**osso amar Nize , e não ter  
 No peito a furia dos zelos ,  
 Vendo por seus olhos bellos  
 Amor d'amores morrer ?  
 Posso em paz a seus pés ver  
 Rendidos mil Amadores ?  
 Não póde ser : vós , Pastores ,  
 Que inda Amor não conheceis ,  
 Não vos scandalizeis ,  
*Se eu brigar c'os meus Amores.*

Cha?

Chamo-lhe féra peor ,  
 Que a mais féra tigré hircana ;  
 „ Vai-te, ( me diz a tyranna )  
 „ Não mereces meu amor „  
 Então com raiva , e furor  
 Grito: Mata-me , meu bem . . .  
 „ Cruel ! Mata me tambem.  
 ( Me diz com animo forte )  
 „ A embaraçar-nos a morte  
 „ *Não se intrometta ninguem.* „

Desta sorte nos condemna  
 O ciume a hum tal desgosto ;  
 Mas que se lhe siga o gosto ,  
 Compassivo Amor ordena :  
 Assim como o mar serena ,  
 Depois que em hórridos rufos  
 Levanta enrolados tufos ,  
 Assim dois peitos zelosos  
 Nunca ficão mais gostosos ,  
*Que acabados os arrufos.*

Terno a chamo, em vão a espero ;  
 Mais se affasta, e me desdenha ;  
 E quando espero que venha,  
 Me chama com ar severo :  
 Tremo todo, e quando ir quero,  
 O capricho me detem ;  
 Té que hum riso do meu bem  
 De todo a guerra desfaz ;  
 E depois de feita a paz,  
*Ou eu vou, ou ella vem.*



## VII.

*Arrazado o Templo seja ,  
Trema Amor de seus enganos ;  
Pague os males , que tem feito  
Nos corações dos humanos.*

## G L O S A.

**J**Az por Nize Amor vencido ,  
Respirai , ternos Amantes ;  
Já as settas penetrantes  
Depôz a seus pés , rendido :  
Seu Imperio desabrido  
Manda o Ceo que Nize reja ;  
E porque mais se não veja  
Respirar o Deshumano ,  
Manda emfim que do Tyranno  
*Arrazado o Templo seja.*

Solta Nize os desgraçados,  
 Que de Amor erão captivos;  
 Palpitavão semi-vivos  
 Com duros grilhões ligados:  
 Nize então, em mil agrados,  
 Lhes diz: „Respirai, humanos;  
 „ Amor com laços tyrannos  
 „ Já não ha de aprisionar-vos;  
 „ E se ousar mais enganar-vos,  
 „ *Trema Amor de seus enganos.*”

Chora Nize enternecida,  
 Mostra-lhe os seus olhos bellos;  
 O alto prazer de vêllos  
 Bastou para dar-lhes vida:  
 Corre a Amor, com desabrida  
 Setta lhe traspassa o peito;  
 Maqda que o tyranno effeito,  
 Sem morrer, sinta da morte:  
 Que assim viva, e desta sorte  
*Pague os males, que tem feito.*

Ancias, ais, zêlos, rigores,  
 Tudo acabou neste dia;  
 Amor com ferros vencia,  
 Nize vence com favores:  
 Dos felices Amadores  
 Não pede cultos tyrannos;  
 Não quer em Templos profanos  
 Ser temida, e respeitada,  
 Ella quer ser adorada  
*Nos corações dos humanos.*

Se

## VIII.

*Tudo que ha triste no mundo,  
Tomara que fosse meu;  
Para ver se tudo junto  
Era mais triste do que eu.*

## G L O S A.

**Q**Uando de Marcia gozava  
Doces mimos, mil favores,  
Eu escondido entre flores  
Amor vi: raivoso estava,  
Vendo que Marcia apartava  
De minha alma o mal profundo;  
Mas mais delira iracundo,  
Vendo com que doce effeito  
Affastava de meu peito  
*Tudo que ha triste no mundo.*

Con-

Contra mim enfurecido ,  
 D'aljava huma setta tira ;  
 Toca Marcia a doce lyra ,  
 Cahe por terra Amor rendido :  
 „ Mãi ; (grita) „ Deosa de Gnido ,  
 „ Tua rival me venceo !  
 „ Por gloria do Imperio teu ,  
 „ E do meu poder violento ,  
 „ Só , Mãi , aquelle instrumento  
 „ *Tomára que fosse meu !* „

Foge Amor ; Amor rendeste :  
 Só com hum raio brilhante  
 Do teu divino semblante ,  
 Quem tudo vence , venceste :  
 Todo o teu poder celeste  
 Para o vencer era munto :  
 Tuas perfeições ajunto ,  
 Só por ver se a formosura ,  
 Se a graça foi , se a ternura ,  
*Para ver se tudo junto.*

Ah

Ah Marcia ! A tua belleza  
De hum triumpho coroáras,  
Se hum maior não alcançáras  
Em vencer minha tristeza :  
Monstro de maior fereza  
Nella o teu poder venço ;  
Pois em quanto irado o Ceo  
Me privou de ver-te o bem,  
Juro , ó Marcia , que ninguem  
*Era mais triste do que eu.*



## IX.

*Subi a teu pensamento ,  
Nunca tão alto subi ;  
Decabi da tua graça ,  
Outro subio , eu desci.*

## G L O S A.

**Q**Uando, ó Marcia, eu suspirava ;  
Altos bens me promettias ;  
Quantas vezes me dizias ,  
Que em teu pensamento estava ?  
Que alli mesmo Amor formava  
Para mim eterno assento ?  
Que desde o feliz momento ,  
Em que te jurei fé pura ,  
Sobre as azas da Ventura  
*Subi a teu pensamento ?*

Em

Em lugar tão superior  
 Eu era o mimo do Fado ;  
 Ninguém tão afortunado  
 Beijou os grilhões de Amor :  
 Já me esquecia o rigor  
 Dos tormentos, que soffri !  
 Com que gloria a Amor ouvi  
 Dizer a Venus zeloso :  
 » Mãi, nunca fui tão ditoso ,  
 » *Nunca tão alto subi !* »

Tão ufano, ó Nize bella,  
 Com teus favores me via,  
 Que os revezes não temia  
 Da minha inimiga estrella :  
 Eis que horrisona procella  
 De improviso o Fado traça !  
 Fulmina a mão da Desgraça  
 Sobre mim o raio ardente ;  
 Emfim, Nize, de repente  
*Decabi da tua graça.*

Sim,

Sim, cruel, me abandonaste;  
E com fera tyrannia  
Ao lugar, que eu possuia,  
Outro feliz elevaste:  
Mas Amor, a quem faltaste,  
Ha de me vingar de ti!  
Sentirás, como eu senti,  
Entre chammias palpitando,  
Os zelos, que soffri, quando  
*Outro subio, e eu desci.*

## X.

*Esses momentos gostosos ,  
Que comtigo já passei ,  
Delles te esquece , tyranna ,  
Que eu tambem me esquecerei.*

## G L O S A.

**M**Eus ternos , doces momentos ,  
Que fizestes minha gloria ;  
Fugi da minha memoria ,  
Não augmenteis meus tormentos :  
Por lei dos Fados cruentos  
Hoje me sois odiosos ;  
Ah ! Tirai-me , Ceos piedosos ,  
Esta vida , que me cança ,  
Ou riscai-me da lembrança  
*Esses momentos gostosos.*

Que

Que faz á infelicidade  
 Do bem passado a lembrança:  
 Dissipa a finda bonança  
 A presente tempestade?  
 Julgava-me divindade  
 Com as glorias, que gozei,  
 Hoje, por tyranna lei,  
 Me são punhaes penetrantes,  
 Marilia, os doces instantes,  
*Que contigo já passei.*

Nesta ausencia o vil ciume  
 Me mostra em quadro fatal  
 O meu ditoso Rival  
 Gozando os dons do meu Nume:  
 Oh furor, que me consume!  
 Ah Marilia deshumana!  
 He esta a fé soberana,  
 Que ante Amor me promettias?  
 Não te lembrem mais meus dias;  
*Delles te esquece, tyranna.*

Mas perdão, meu bem amado,  
 Commoa te a minha dor,  
 Duvidei do puro amor,  
 Que ao Ceo foi por ti jurado:  
 E's fiel, eu desgraçado;  
 O ciume acreditei:  
 Já zeloso não serei,  
 Juro-o por teus olhos bellos:  
 Esquece te dos meus zelos,  
*Que eu tambem me esquecerai.*



## XI.

*A paixão, que em mim diviso,  
 Por A, M, principia;  
 Amizade, não, não he;  
 He Amor: quem tal diria!*

## G L O S A.

**P**Elas veias n'hum instante  
 Eu sinto o sangue gelar-se;  
 E ao mesmo tempo inflammar-se  
 Por hum fogo devorante:  
 Inda mal no meu semblante  
 Apparece a furto o riso,  
 Quando sinto d'improviso  
 Por elle o pranto correr;  
 Ah! Que eu não posso entender  
*A paixão, que em mim diviso.*

Nes-

Nesta dor, que me atormenta,  
 Allivio não posso ter,  
 Só o gosto de morrer,  
 He que a vida me sustenta:  
 Se declaro a dor violenta,  
 Se digo a minha agonia,  
 De mim fazem zombaria:  
 Todos dizem, que a paixão,  
 Que opprime o meu coração,  
*Por A, M, principia.*

Serás tu, santa Amizade,  
 Que tanto extremo me custas?  
 Não, as tuas leis são justas,  
 Tem doçura, e suavidade:  
 Logo faz a crueldade  
 De Amor quanto em mim se vê?  
 Não sei; mas creio de fé,  
 Que a causa do meu ardor,  
 Póde ser que seja Amor,  
*Amizade, não, não he.*

Sim,

Sim, Amor me faz morrer;  
 Desde que vi Nize bella,  
 Em orueis chammas por ella  
 Sinto o coração arder:  
 Mal me podia par'cer,  
 Que tão fero Amor seria!  
 Quando os laços me tecia,  
 Não era o cruel tão forte;  
 Porém hoje desta sorte  
*He Amor: quem tal diria!*



XII.

*Eu ando como hum cãozinho  
Farejando após de ti ;  
Tu me foges , eu te sigo ,  
Não tens compaixão de mim.*

G L O S A .

**V**ós, Amantes, que soffreis  
Da ausencia os golpes fataes ;  
Porque o bem não procurais,  
Por quem saudosos morreis ?  
Peço-vos que me imiteis :  
Qual rasteja o cachorrinho  
Por hum , por outro caminho ,  
Em busca do seu senhor ,  
Em busca do meu Amor  
*Eu ando como hum cãozinho.*

**Ao**

Ao achar o bem , que sigo ,  
 Em gloria tão superior ,  
 Quantos bens possue Amor ,  
 Todos depende comigo :  
 „ Que estrella , que Fado amigo ,  
 ( Meu bem diz ) „ Te trouxe aqui ? „  
 Vim , apenas te não vi ,  
 ( Lhe respondo em mil agradós )  
 Serras , valles , montes , prados  
*Farejando após de ti.*

Sim , meu bem ; meu puro ardor ,  
 Minha fé constante , e pura ,  
 Vencêrão da ausencia dura  
 O desabrido rigor :  
 Manda Amor , piedoso Amor !  
 Que eu viva sempre contigo ;  
 Embora o Fado inimigo  
 Te esconda por leis fataes ;  
 Que importa , se quanto mais  
*Tu me foges , eu te sigo.*

Tão bella , quanto assustada ,  
Exclama o meu bem amado ;  
» Que momento afortunado !  
» Que fineza sublimada !  
» Minha estrella , se applicada  
» Não pões a meus males fim ,  
» Se fazes não dure assim  
» A minha felicidade ,  
» E's cruel , não tens piedade ;  
» *Não tens compaixão de mim.* »



XIII.

*Estou junto do meu bem,  
Eu não fallo, elle emudece;  
Dizei-me, austera virtude,  
Se isto algum premio merece?*

G L O S A.

**F**Éros golpes sem piedade  
Supportei do cego Nume;  
Do mais ardente ciúme  
Já soffri a crueldade:  
As feridas da saudade  
Bem vivas meu peito tem;  
Tudo já soffri; porém  
Tantas penas supportando,  
Muito mais padeço quando  
*Estou junto de meu bem.*

Al-

Alli me sinto abraçar  
 No mais vivo , e voraz fogo ,  
 Sem ter outro desafogo ,  
 Que padecer , e callar :  
 Meu bem , de ver-me penar  
 Vendo estou se compadece ,  
 Quer dizer-mo , e se enternece ;  
 Eu fallar quero , e o respeito  
 Me sepulta a voz no peito ;  
*Eu não fallo , elle emudece.*

Vós , Virtude superior ,  
 Que alentais meu soffrimento ,  
 Bem sabeis que a tal tormento  
 Só iguala o meu Amor :  
 Se este tão féro rigor  
 Esse Deos tyranno , e rude  
 Não permittir que se mude ,  
 Ajudai-me a padecer ,  
 Ou se não que hei de fazer ,  
*Dizei-me , auctera virtude ?*

E

E vós, Ceos, meu triste estado  
Attendei compadecidos ;  
Por tantos males soffridos,  
Concedei-me o bem amado :  
Hum Amor jámais manchado  
Do rasteiro, e vil int'rêsse,  
O meu peito vos off'rece  
Em sacrificios gostosos :  
Vêde agora, Ceos piedosos,  
*Se isto algum premio merece ?*

S&amp;

XIV;

## XIV.

*Entre o Amor , e entre o susto  
Repugnancia acaba o desejo ;  
O susto prohibe o gosto ,  
O Amor desterra o pejo.*

## G L O S A.

**M**anda-me o Amor que falle ,  
Que declare o meu tormento ;  
Mas quando fallar intento ,  
O Susto me diz , que calle :  
Quantas vezes neste valle ,  
Junto áquelle verde arbusto ,  
Quiz dizer a Marcia o justo ,  
Puro Amor , que me abrazava ,  
E a voz se me suffocava  
*Entre o Amor , e entre o susto.*

Eu

Eu desejo declarar  
 Meu amor a Marcia bella;  
 Dizer-lhe que só por ella  
 Sinto o meu peito abraçar:  
 Se piedosa me escutar,  
 Serei o mimo do Téjo;  
 Mas parece-me que a vejo  
 Desprezar-me sem ter dó;  
 A esta lembrança só  
*Repugnancia acba o desejo.*

Quero suppôr que piedosa  
 Marcia minha fé premeia;  
 Que os nossos peitos enleia  
 De Amor a prizão mimosa:  
 Esta lembrança gostosa  
 Como he de hum bem supposto,  
 Vem augmentar me o desgosto,  
 Assustar a minha fé;  
 Nem já me alegra, porque  
*O susto prohibe o gosto.*

Mas

Mas em fim , fique vencido  
Do susto o cruel rigor ;  
Fique nas aras de Amor  
O respeito consumido :  
Já corro a Marcia , atrevido  
Lhe declaro o meu desejo ;  
O estado , em que me vejo ,  
Lhe direi sem confusão ;  
Porque de meu coração  
*O Amor desterra o pejo.*



## XV.

*Bem a meu pezar conheço  
 Se mudou a Natureza;  
 Ha nos homens inconstancia,  
 Ha nas mulheres firmeza.*

## G L O S A.

**E**stes Numes, que adorâmos  
 Pela ordem do Destino,  
 De que o jugo, meu Josino,  
 Tão gostosos supportâmos;  
 Não merecem que façamos  
 De seus dons tão alto apreço:  
 São mudaveis com excesso,  
 Não tem fé, nem lealdade;  
 Inda mal que esta verdade  
*Bem a meu pezar conheço.*

Sim,

Sim , as tyrannas só querem  
 Zombar dos nossos gemidos ;  
 E quando nos vem rendidos ,  
 Então mais crueis nos ferem :  
 De que os homens desesperem  
 Faz timbre a sua belleza ;  
 Se huma houver só com firmeza ,  
 Com pura fé permanente ,  
 Assentemos fixamente ,  
*Se mudou a Natureza.*

Com arte , e maneiras bellas  
 Do nosso extremo se queixão ;  
 E então as falsas nos deixão ,  
 Quando morrêmos por ellas :  
 Jurâmos de aborrecêllas ,  
 Cheios da maior constancia ;  
 Mas mal hum ai , huma ancia  
 Vão fingidas exhalando ,  
 Já as crêmos ; e he só quando  
*Ha nos bomens inconstancia.*

Sim ,

**Mas Josino, nós devemos**  
**Adorallas, porque o Fado**  
**As dotou de hum terno agrado ;**  
**Do qual fugir não podêmos :**  
**Nellas embora adoremos**  
**Todo o poder da belleza ;**  
**Mas ha de ser na certeza**  
**De hum injusto galardão ;**  
**Porque, meu Josino, não**  
*Ha nas mulheres firmeza.*



## XVI.

*De desgosto , e pranto cheios ,  
Tíonio , os meus dias são ;  
Dize-me , se sabes , quando  
Meus prazeres tornarão ?*

## G L O S A .

**D**Esde quando o Amor , e o Fado  
De Marfida me apartarão ,  
A' tristeza me entregarão  
Neste sitio á luz vedado :  
Sem ver o meu bem amado ,  
Sombras vans , espectros feios ,  
São os meus fataes recreios ;  
Tenho os olhos com firmeza  
Sempre fitos na Tristeza ,  
*De desgosto , e pranto cheios.*

Mostra-me o pálido Nume  
 Do meu bem doces lembranças ;  
 Mortas minhas Esperanças  
 A's mãos do cruel Ciume :  
 „ Contra ti o férreo gume  
 „ Vibrará a Morte em vão :  
 ( Me diz ) „ Longa duração  
 „ Teráó tuas agonias ;  
 „ Has de viver , que os teus dias ,  
 „ *Tiónio , os meus dias são. „*

Desesp'rado , entregue á dor ,  
 Que o peito me despedaça ,  
 Mórdo os ferros da desgraça ,  
 Tréme a Tristeza de horror :  
 Suspende ( grito ) o furor !  
 Dize-me , Nume execrando ,  
 Se os males , que estou penando ,  
 Háó de ter fim venturoso.  
 Quando hei de ser ditoso ?  
 Dize-me , se sabes , quando ?

A cruel a mim se avança  
 Entre alaridos, e ais ;  
 Me diz : „ Tíonio , jámais  
 „ O teu mal terá mudança .. ! „  
 Eu morrêra ; mas a Esp'rança  
 Me diz terna ao coração ;  
 Que os meus males fim terão  
 Em vendo Marfida bella ;  
 Que a meu peito , só com vèlla ,  
*Meus prazeres tornarão.*

Set

XVII:

## XVII.

*Amor as setas dispara ,  
 Com ellas fere o meu bem ;  
 Padeça , como eu padeço ,  
 Chore , que eu choro tambem.*

## G L O S A .

**V**ingança , Amor ; Nize bella  
 Contra as tuas leis me mata ;  
 Não tem dó de mim a ingrata ,  
 Vendo-me morrer por ella :  
 Quando intento commovêlla ,  
 Risonha o meu mal encara ;  
 C'os rigores , que prepara ,  
 Procura vencer-te ufana ;  
 Contra o peito da tyranna ,  
*Amor as setas dispara.*

Toma aquellas fabricadas  
 Com teus ardentes suores,  
 Que dos Numes superiores  
 Forão com temor beijadas:  
 Toma, emfim, as que provadas  
 Diamantinas pontas tem;  
 Tyrannos golpes lhe dêm;  
 E se ainda te resiste,  
 Toma as com que me feriste,  
*Com ellas fere o meu bem.*

Entre chammas palpitando  
 Veja o fero coração;  
 Arraste o duro grilhão,  
 Que eu triste vou arrastando:  
 Conheça então suspirando,  
 Que o seu rigor não mereço;  
 Inda mais vinganças peço:  
 Soffra o mal, em que deliro,  
 Suspire, como eu suspiro,  
*Padeça, como eu padeço.*

Che-

**Chegue a teu altar tremendo ;  
Veja em confusão , e horror  
Nas tuas chamma , Amor ,  
O meu coração ardendo :  
Se á ternura não cedendo ,  
Inda ostenta o seu desdem ,  
Lança , Amor , lança o meu bem  
Sobre o mesmo fogo activo :  
Viva afflicta , como eu vivo ,  
*Chore , que eu choro tambem.***



## XVIII.

*De que me servem sem ti  
Os bens , que a fortuna dá ?  
Sem elles vive o que he pobre ;  
Mas sem ti quem vivirá ?*

## G L O S A .

**S**onhei que mil bens gozava  
Longe de ti , bem amado ;  
Que em aureo throno elevado ,  
A' Fortuna leis dictava :  
Quando na gloria , em que estava ,  
Bella Marcia , te não vi ,  
Louco do throno descí ,  
Gritando : Vem por piedade !  
A Grandeza , a Magestade  
*De que me servem sem ti ?*

Temendo verificado  
 Quanto a idéa me figura,  
 Entre as garras d'amargura  
 Eu clamava ao Ceo irado:  
 Dai-me o meu pobre cajado,  
 O sceptro deponho já;  
 Aonde o meu bem está  
 Me levai por compaixão;  
 Sem o meu bem nada são  
*Os bens que a fortuna dá.*

Luctando com mil temores,  
 Rompi de Morfeo o laço;  
 Eis acordo no regaço  
 De teus mimosos favores:  
 Que dons, que bens superiores  
 Goza alli minha alma nobre!  
 São nada os bens, que o Sol cobre,  
 Embora o Ceo mos esquive:  
 Se o rico com elles vive,  
*Sem elles vive o que he pobre.*

Mas

Mas a Ventura enganar-me,  
Bella Marcia, pertendia ;  
A invejosa só queria  
De teus olhos apartar-me:  
Que póde a Fortuna dar-me,  
Se Amor tudo em ti me dá?  
Com seus bens que me fará?  
Mais feliz? Não póde ser.  
Sem elles posso eu viver ;  
*Mas sem ti quem vivirá?*



## XIX.

*Ao Numen dos Amadores  
Pedi junto á sacra pyra,  
Que em premio de amar me desse  
O coração de Tamira.*

## G L O S A.

**C**Om o coração partido,  
Duros grilhões arrastando,  
Já com a Morte luctando,  
Cheguei ao Templo de Gnido:  
Entro o Atrio desabrido,  
Palpando espantos, e horrores;  
Soffrendo infernaes ardores,  
Nas garras d'impio tormento;  
Neste estado me apresento  
*Ao Numen dos Amadores.*

Vê.

Vê-me o Nume, e de ternura  
 As faces de pranto alaga;  
 Protesta, em quanto me affaga;  
 Fabricar minha ventura:  
 Terno, meigo, com doçura,  
 Do peito os farpões me tira;  
 Diz-me, peça o que pedira,  
 Quem ser feliz desejasse:  
 Que Tamira me entregasse,  
*Pedi junto á sacra pyra.*

Mal o nome proferi  
 Da minha Tamira bella,  
 Qual turba os Ceos a procella,  
 Turbar seu semblante vi:  
 Resoluto então pedi,  
 Que a meus males fim pozesse;  
 Que, emfim, de mim dispozesse;  
 Que a Morte, ou Tamira esp'rava;  
 E outros bens não desejava,  
*Que em premio de amar me dêsse.*

Seu

Seu fero olhar mal sustive ,  
 O fogo a seus olhos corre ;  
 Vacilla , quiz dizer morre ,  
 Emfim me diz : » Ama , e vive :  
 » Não permitta o Ceo te prive  
 » De hum bem , que por ti suspira :  
 » Prova a dor , que o dom me inspira ,  
 » O pranto ; com que o chão rego ;  
 » Dou-te o meu bem , já te entregô  
 » *O coração de Tamira.* »



XX.

O meu coração me diz,  
 Quando palpita em segredo,  
 Que contigo tarde, ou cedo.  
 Hei de vir a ser feliz.

G L O S A.

**D**E despojos carregado,  
 Com duros grilhões cingido,  
 Chego ao Templo desabrido  
 Do tyranno Deos vendado:  
 Aceitar o Nume irado  
 Meus sacrificios não quiz;  
 Manda que saia infeliz,  
 Que do meu bem desespere;  
 Saio emfim; porém que espere,  
 O meu coração me diz.

Que

Que talvez veja piedosa  
 Marcia cruel algum dia ;  
 Trocar sua tyrannia  
 Em pura fé amorosa ;  
 Que a bella Marcia mimosa  
 Me fará feliz bem cedo ;  
 Que enfim se abrande hum rochedo :  
 Esta he a consolação ,  
 Que me dá meu coração ,  
*Quando palpita em segredo.*

Ella he realidade ,  
 Bella Marcia , certamente  
 O meu coração não mente ,  
 He nutrido da verdade :  
 Deixa hum pouco a crueldade ,  
 E pergunta-lhe em segredo ;  
 Com quem , te diga sem medo ,  
 Eu serei feliz , e quando ?  
 Ouve o que diz palpitando ,  
*Que contigo tarde , ou cedo.*

Já

Jágora o tyranno Amor  
 Novos martyrios invente ;  
 Eu juro viver contente ,  
 A pezar do seu rigor :  
 Huma esp'rança superior  
 Alentar minha fé quiz ;  
 Pouco importa que infeliz  
 Veja agora a minha estrella ,  
 Se eu sei que com Marcia bella  
*Hei de vir a ser feliz.*



XXI.

*Escreveo a feia Morte  
Com longos dedos mirrados  
No livro dos infelizes  
Os meus dias desgraçados.*

G L O S A.

**M**AI nasei, o negro Fado  
Disse á Morte, e á Desventura:  
» Será esta creatura  
» O mortal mais desgraçado!  
» Já o tenho decretado,  
» Escrevei-lhe a infausta sorte. »  
Eis-que em hórrido transporte,  
No livro fatal, que abrio,  
Quanto o Fado proferio  
*Escreveo a feia Morte.*

En-

Entre tormentos mortaes,  
 Gerados no Averno horrendo,  
 Vou crescendo, e vão crescendo  
 Os meus martyrios fataes:  
 São por Furias infernaes  
 Os meus dias vigiados;  
 Se intento mandar aos Fados  
 Ais, que a compaixão provocão,  
 Na garganta mos suffocão  
*Com longos dedas mirradas.*

Té que Amor, Amor piedoso,  
 Do meu mal compadecido,  
 Me diz: „ Tíonio querido,  
 „ Hoje te hei de ver ditoso:  
 „ Sou mais que os Fados pod'roso,  
 „ Praz-me que suas leis pizes;  
 „ Se eu quero, faço felizes  
 „ A quantos milhões de afflictos  
 „ Tem os seus nomes escriptos  
 „ *No livro dos infelizes.* „

Eis

Eis me mostra Marcia bella,  
A quem feliz me predeo;  
Em tal gloria me par'ceo  
Ter vencido a minha estrella:  
Porém logo, ao bem de vella,  
Vi cumprida a lei dos Fados;  
Mandão, contra Amor irados,  
Saia o ciume do Inferno,  
Que consuma em fogo eterno  
*Os meus dias desgraçados.*



## XXII.

*Ainda depois de morto ,  
Debaixo do frio chão ,  
Acharás teu nome escrito  
Dentro do meu coração.*

## G L O S A.

**C** onstancia , Numen Sagrado ,  
Amparem-me as tuas aras ;  
O Mortal , que tu amparas ,  
Não póde ser desgraçado :  
Ante ellas o Tempo ousado  
A foice depõe absorto ;  
Com teu divino conforto ,  
Sem que das glorias se prive ,  
O Varão constante vive ,  
*Ainda depois de morto.*

Quant

Quantos Heróes off'recêrão  
 Cultos sobre teus altares,  
 Que entrárão teus santos lares,  
 Eternamente vivêrão:  
 C'o as virtudes, que exercêrão,  
 Tem eterna duração;  
 Morreo o grande Catão,  
 Mas vive em nossa memoria;  
 Não se esconde a sua gloria  
*Debaixo do frio chão.*

Só tu, ímpio, que o infame  
 Carro do engano arrastas;  
 Que mais da Razão te affastas,  
 Por mais que a Razão te chame:  
 Quando o teu peito derrame  
 Desesp'rado o final grito,  
 Vagando confuso, afflicto  
 Sobre o Lethes somnolento,  
 No livro do esquecimento  
*Acharás teu nome escrito.*

Ma

Mas tu, Heróe, que venceste,  
E calcaste o vicio horrendo,  
As virtudes exercendo  
Teu nome immortal fizeste:  
Constancia, tu, que podeste  
Dar-lhe eterna duração,  
Se do teu facho ao clarão  
Eu seguir tão nobre exemplo,  
Protesto erigir-te hum templo  
*Dentro do meu coração.*



## XXIII.

*Se queres achar venturas,  
Triste pensamento meu;  
Não habitão sobre a terra,  
Tem alto assento no Ceo.*

## G L O S A.

**I**Nquieto pensamento,  
Deixa-me emfim respirar;  
Cangado estou d'elevantar  
Altas torres sobre o vento:  
Se he que hum são contentamento  
Desvelado achar procuras,  
Deixa o valle de amarguras,  
Pela Morte bafejado;  
Sóbe ao Empyreo sagrado,  
*Se queres achar venturas.*

Vôa pelos ares densos ,  
 Rompe as hórridas procellas ;  
 Sóbe acima das estrellas ,  
 Corta os espaços immensos :  
 Chega , onde chegão incensos ,  
 Que o Justo ao Eterno rendeo ;  
 Rasga da cegueira o véo ,  
 E com espanto profundo  
 Lança os olhos sobre o mundo ,  
*Triste pensamento meu.*

Vê , se o prado hoje floresce ,  
 A' manhã o inunda a cheia !  
 O bem , que hoje nos recreia ,  
 A' manhã desapparece :  
 O que hoje paz nos offrece ,  
 A' manhã nos move guerra :  
 Busca quanto em si encerra  
 Este Globo , em que deliras ;  
 Verás que os bens a que aspiras ,  
*Não habitão sobre a terra.*

Mas

Mas quanto já sou ditoso !  
Do mundo o fatal engano  
Me fez ver o Desengano  
Com seu facho luminoso :  
Buscava Amor ; o mimoso  
Prazer , que ao mundo desceo ;  
Vejo que a face escondeo  
A' terra ingrata , e traidora !  
Já o achei , sei onde mora ,  
*Tem alto assento no Ceo.*

## XXIV.

*Vôa, Amor, busca a morada;  
Onde o meu bem habitar;  
Sobre o seu candido peito  
Vai mil suspiros lançar.*

## G L O S A.

**J**Á vejo o gesto espantoso  
Da Parca horrenda, e funesta!  
Só hum momento me resta,  
Em que posso ser ditoso:  
Esta gloria, Amor piedoso,  
Seja por ti fabricada;  
Deixa o arco, e a seta hervada;  
Dá-me o ultimo soccorro;  
De Marilia, por quem morro,  
*Vôa, Amor, busca a morada.*

Qual

Qual o raio rompe os ares ;  
 Vôa, Amor ; e de repente  
 Vai a pousar diligente  
 Sobre os seus divinos lares :  
 As virtudes singulares,  
 Que habitão sacro lugar,  
 Affaveis te hão de guiar,  
 Cheias de ternura, e agrado,  
 Ao lugar afortunado,  
*Onde o meu bem habitar.*

Leva-lhe, Amor, por piedade,  
 Este meu final suspiro,  
 Que gerou neste retiro  
 A minha ardente saudade :  
 Pinta-lhe a fidelidade,  
 Com que a amei ; e com respeito,  
 Chegando-te ao casto leito,  
 Onde ditosa descança,  
 O meu suspiro lhe lança  
*Sobre o seu candido peito.*

Bus-

Busca-me então nos horrores  
Dos mausoléos lastimosos,  
Onde repousão ditosos  
Os que morrerão de amores...!  
Vem c'o a turba de Amadores,  
Que cruza d'Idalia o ar;  
E depois de prantear  
Meus extremos sem ventura,  
Sobre a minha sepultura  
*Vai mil suspiros lançar.*



## XXV.

*Dormindo estava sonbando  
 Que me morrias, meu bem;  
 Acordei, pedindo a Amor  
 Que me matasse tambem.*

## G L O S A.

**Q**Uando o piedoso Morfeo,  
 Protector dos desgraçados,  
 Sobre os meus olhos cansados  
 Estendia o denso véo:  
 Eis vejo enlutar-se o Ceo,  
 Bravas procellas formando,  
 Chuvas, e raios vibrando;  
 D'agoas serra sobre serra  
 Que intentão sorver a terra,  
*Dormindo estava sonbando.*

Eu,

Eu , Marcia , em tantos horrores ;  
 Demando a nado a espessura ;  
 Testemunha da ternura  
 De nossos fidos amores :  
 Não te encontro ; meus clamores  
 Já éco cansada tem ;  
 Não me responde ninguém !  
 Só o mal , que vai crescendo ,  
 Entre o horror me está dizendo ,  
*Que me morrias , meu bem.*

Então grito , ó Deos vendado ,  
 Se não és hum deos sanhudo ,  
 Morra eu , perca-se tudo ;  
 Mas salva-me o bem amado :  
 Seja eu só o desgraçado ,  
 Que do Ceo sinta o furor :  
 Assim fallo ; e este favor ,  
 Já vendo da Morte o aspeito ,  
 Encruzando as mãos ao peito ,  
*Acordei , pedindo a Amor.*

Mal

Mal acordo , o Deos vaidoso  
 De minha fé extremosa ,  
 Jura pela Mãi formosa  
 Dar-me hum premio o mais ditoso :  
 Já de hum sorriso mimoso  
 Pendente o meu premio tem ;  
 Manda á Morte enfim , meu bem ,  
 Que já mais nos desunisse ;  
 Que ao ponto que te ferisse ,  
*Que me matarse tambem.*

54

## XXVI.

*O meu coração de zelos  
Sinto já desfalecer ;  
Acabdrão-se os meus dias ,  
Ninguem me póde valer.*

## G L O S A .

**V** Elha Maga em pranto , e dor ,  
Predisse ao ver-me nascer ,  
Que eu nascia para ser  
Triste victima de Amor ;  
Que eu gozaria o favor  
De huns divinos olhos bellos ;  
Mas que o receio de v'ellos  
Fazer feliz outro Amante ,  
Ralaria a todo o instante  
*O meu coração de zelos.*

You

Vou crescendo ; e apenas chego  
 A ver ao longe a razão ,  
 Quando de meu coração  
 Tomou posse o Numen cego :  
 Robou-me a paz ; o socego ,  
 O innocente prazer ;  
 Sinto então o peito arder ,  
 E de Amor na chamma ardente  
 Meu coração innocente  
*Sinto já desfalecer.*

Então , com laços mimosos ,  
 Amor me conduz ao Templo :  
 „ Tu serás ( me diz ) o exemplo  
 „ Dos meus Escravos ditosos ! „  
 Vejo troféos horrorosos ,  
 Crueldades , tyrannias :  
 Entre mortaes agonias  
 Conhecendo o fero engano ,  
 ( Gritei ) Eu morro , tyranno . . !  
*Acabárão-se os meus dias.*

Nos

Nos meus ardentes desvelos  
 Me torna Amor com transporte :  
 „ Não vês Nize ? A tua sorte  
 „ Tem nos lindos olhos bellos. „  
 Mal a vejo , ás mãos dos zelos  
 Eis que me sinto morrer...!  
 Cumprido então chego a ver  
 O vaticinio enlutado ;  
 Clamo em vão a Amor , ao **Fado** ;  
*Ninguém me póde valer.*



## XXVII.

*Amor he alma da vida,  
Coração da Natureza;  
Doce imperio da Belleza,  
Porção d'alma desumida.*

## G L O S A.

**H**E hum bem, ó Marcia, Amor,  
Que do Ceo á Terra veio;  
He huma porção do Seio  
Do Universal Creator:  
Sem elle a obra do Author  
Ficaria confundida;  
A Natureza opprimida  
No cahos horrendo gemêra;  
Sem Amor ninguem vivêra,  
*Amor he alma da vida.*

Os effeitos da ternura  
 Nossos peitos não sentirão ;  
 Nem os campos se vestirão  
 Da matizada verdura :  
 A raivosa féra dura  
 Jámais domára a fereza ;  
 Nem se escutára a belleza  
 D'avezinha terna, e doce,  
 Se o mimoso Amor não fosse  
*Coração da Natureza.*

Para que Amor nos dictasse  
 De suas leis a brandura,  
 Jove mandou á Natura  
 Que alto sólio lhe elevasse :  
 Que hum Imperio lhe formasse  
 Digno da sua grandeza :  
 Obedece a Natureza ;  
 Eis colloca o Nume alado  
 No temído, quanto amado,  
*Doce Imperio da Belleza.*

He

He d'alli que huma porção  
 Tira d'alma ; e venturosa  
 A une em prisão mimosa  
 Ao mais terno coração :  
 Depois que nesta união  
 Aos Entes todos dá vida ,  
 Não socega , ó Marcia , lida ,  
 Incansavel se desvela ,  
 Só para não ver aquella  
*Porção d'alma desunida.*



## XXVIII.

*Defender os Patrias lares ,  
 Dar a vida pelo Rei ,  
 He dos Lusos valorosos  
 Character , costume , e lei.*

## G L O S A .

**S**empre , ó Lusos , triunfámos ,  
 Vencendo inimigas Falanges ,  
 Desde o Téjo , além do Ganges ,  
 As sacras Quinas levámos :  
 Dos grandes Avós herdámos  
 Influxos tão singulares ;  
 Se elles eternos altares  
 Tem da Memoria no templo ,  
 Devemos a seu exemplo  
*Defender os Patrios lares.*

Sim ,

Sim, ó Lusos denodados,  
 Que a sacra promessa alenta,  
 Ouvi a voz, que rebenta  
 D'entre os túmulos honrados:  
 „ A's armas, filhos amados! „  
 (Nos grita) „ O que eu fiz, fazei:  
 „ Se o Nome immortal ganhei,  
 „ Foi preciso em dura guerra  
 „ Tingir de meu sangue a terra,  
 „ *Dar a vida pelo Rei.* „

Ao som desta voz corramos  
 A' Victoria que nos chama;  
 Somos dignos de honra, e fama  
 Quando o sangue á Patria dâmos:  
 Somos heróes, se imitâmos  
 Os grandes Heróes famosos:  
 Que o Ceo nos quer venturosos,  
 Que hum Deos zela a nossa gloria,  
 He de fé! Logo a Victoria  
 He dos Lusos valorosos.

Alça , ó Lysia , a fronte altiva ,  
Calca aos pés o frio susto ;  
Tremará teu Sólido augusto ,  
Quando hum só Luso não viva !  
O nosso bem se deriva  
Do Pai da Patria , do Rei.  
Sou Luso , e com gloria sei ,  
Que ha de ser a lealdade  
Dos Lusos em toda a Idade  
*Character , costume , e lei.*



XXIX.

*'Stava agora imaginando  
 Quão veloz o tempo passa!  
 Quanto he breve buma ventura;  
 Quanto he longa buma desgraça.*

G L O S A.

**C**omo está amêno o prado !  
 Como , ao som deste ribeiro ,  
 Responde lá do salgueiro  
 O rouxinol namorado !  
 O arbusto , de Amor guiado ,  
 Vai outro arbusto abraçando :  
 Ah ! Que ao ver zéfyro brando  
 Affagar as lindas flores ,  
 No meu bem , nos meus amores  
*'Stava agora imaginando.*

**E**

E ha de huma alma superior,  
 Dos ethéreos dons lustrosa,  
 Não gozar os bens que goza  
 Hum arbusto? Oh Ceos, que horrôr!  
 Elle, guiado de Amor,  
 Tetno o caro bem abraça;  
 E ha de hum bem, q̃ a alma me enlaça,  
 Por vão capricho feroz,  
 Fugir de mim tão veloz,  
*Quão veloz o tempo passa?*

Eu fui para amar creado,  
 He por lei que eu devo amar;  
 Este dom tão singular  
 Por Jove não me foi dado?  
 Se eu sou hum Ente elevado  
 Sobre toda a creatura,  
 De que me serve a luz pura  
 Da Razão, que honra o meu ser?  
 He só para conhecer  
*Quanto he breve huma ventura!*

Mas

Mas eu te adoro , ó Razão ;  
 Por ti eu sou venturoso ;  
 He por ti que amo ditoso  
 De Marilia a perfeição :  
 Deste bem a duração  
 Não temo o Tempo desfaça ;  
 Comigo aos Elysios passa ,  
 Onde em Gloria permanente  
 Nem se sabe , nem se sente  
*Quanto he longa huma desgraça.*



XXX.

## XXX.

*A mais heroica fineza  
 Que pena deve escolher:  
 Se ver morta a prenda amada,  
 Se vê-la em outro poder.*

## G L O S A.

**T** Riunfou o meu rival,  
 A Sorte nos foi funesta;  
 He, meu bem, quanto nos resta,  
 Este braço, este punhal:  
 Do seu triunfo fatal  
 Não serás infausta prêza;  
 Temos Amor, e firmeza,  
 O tyranno envergonhemos;  
 Sim, meu bem; ah! Completemos  
*A mais heroica fineza.*

De

De sacrificio tão rude  
 Serás , meu bem , o penhor..!  
 Morre emfim ..! Mas não, que Amor  
 Manda á ternura te escude :  
 Vai , guiada da Virtude ,  
 O bárbaro enternecer...!  
 Porém não...antes morrer..!  
 Minha alma c'o inferno luta ,  
 E não sabe irresoluta  
*Que pena deve escolher.*

Mas trema emfim o Inimigo ;  
 Zombemos d'elle , meu bem ;  
 Morre ditosa : eu tambem  
 Passo aos Elysios contigo.  
 Sombra pura , eu já te sigo..!  
 Lá sobre a ethérea morada  
 Veremos , ó Sombra honrada ,  
 Qual nos fôra hum mal peor ,  
 Se ver feliz o traidor ,  
*Se ver morta a prenda amada.*

Eis

Eis vibra o punhal fumante  
 Do sangue do bem querido;  
 Tendo-o no peito embebido,  
 Grita o semivivo Amante:  
 Se a lagrimas, Caminhante,  
 O meu caso te mover,  
 Dize, que havias fazer?  
 (Este bem se me consinta)  
 Se ver tua amada extincta,  
*Se vêlla em outro poder.*

*S*

*Quando o coração se prende  
Nos laços de Amor perfeito,  
Já não goza liberdade,  
Dá pulos dentro do peito.*

## G L O S A.

**M**Arcia, manda o Ceo, q' amemos;  
Quanto he doce a lei de amar!  
E de tanto bem privar  
Nossos corações devemos?  
E ainda os não prenderemos  
Nos laços, que Amor estende?  
Quem não ama, os Ceos offende;  
Toda a gloria de hum Amante  
Gera Amor n'aquelle instante,  
*Quando o coração se prende.*

Sim,

Sim, Amor em tudo impera ;  
 He por virtude de Amor,  
 Que huma flor ama outra flor,  
 Que huma féra ama outra féra :  
 Ser feliz de balde espera  
 Quem não vive a Amor sujeito ;  
 Só goza hum bem satisfeito,  
 Sem temer que o Ceo lh'o prive,  
 Quem prezo c'o seu bem vive  
*Nos laços de Amor perfeito.*

Ou mente, Marcia, ou delira,  
 Quem diz, que Amor com grilhões  
 Nos captiva os corações,  
 E a liberdade nos tira :  
 Prende, sim ; mas bens inspira,  
 Praz á sua divindade,  
 Que quem com fidelidade  
 Seus grilhões vai arrastando,  
 Respire mais livre quando  
*Já não goza liberdade.*

Ama,

Ama, bella Marcia; eu amo,  
 Já sou feliz, sou amante;  
 Desde que vi teu semblante,  
 No mais puro ardor me inflammo:  
 Ah! No pranto, que derramo,  
 Vê de Amor o doce effeito...!  
 Meu coração satisfeito  
 Com o bem, que Amor lhe deo,  
 Na gloria de ser já teu,  
*Dá pulos dentro do peito.*

*S*

XXXII.

*O veneno do ciume  
 Já principia a lavar ;  
 Entre pungentes suspeitas  
 Vou morrendo de vagar.*

G L O S A.

**E** Ntrei no Templo de Amor :  
 Que fataes , que horriveis lares !  
 Vagão ante seus altares  
 A Morte , a Raiva , o Terror.  
 „ Do que vês , terno Amador ,  
 „ Não te espantes ! ( Grita o Nume )  
 „ Para chegares ao cume ,  
 „ Que marca o termo á desgraça ,  
 „ Bebe nesta férrea taça  
 „ *O veneno do ciume.* „

*Genio*

Be-

Bebo, e com ancia mortal,  
 Vans suspeitas, entre laços,  
 Mostrão-me o meu bem nos braços  
 De meu ditoso rival:  
 Do 'Averno Fúria letthal  
 Vem os meus ais abafar;  
 Quero, e não posso acabar!  
 Tal he do veneno o effeito,  
 Que pouco a pouco em meu peito  
*Já principia a lavar.*

Então grito: ó Deos vendado,  
 Dize-me, ou tira-me a vida,  
 Se a minha Marcia querida  
 Tem a pura fé manchado?  
 Pelo teu farpão sagrado,  
 Com que o grão Jove sujeitas;  
 Pelas prisões, que nos deitas  
 Com terno, e doce transporte,  
 Não me deixes desta sorte  
*Entre pungentes suspeitas.*

1 inferno

2 ia

3 mortal

4 jupiter

As-

Assim fallo ; e o Deos vaidoso  
 Me diz, cheio de jactancia :  
 „ Ama, e pena ; tem constancia ,  
 „ Que inda te has de ver ditoso ! „  
 Então grito : ó Deos piedoso ,  
 Quero constante penar.  
 Se para o meu bem gozar ,  
 He preciso que eu padeça ,  
 Não quero morrer depressa ,  
*Vou morrendo de vagar.*



XXXIV.

*Pelos teus olhos eu dera  
Estes tristes olhos meus ;  
Eu não vi na minha vida  
Tão bons olhos , como os teus.*

G L O S A.

**A**H Nize ! Se o Ceo benigno  
Sobre mim seus dons lançasse ;  
Se hum aureo sceptro empunhasse ,  
Se me affagasse o Destino ;  
Hum dom de offrecer-te digno  
Inda assim eu não tivera :  
Vendo-me em tão alta esfera ,  
Com rendida adoração ,  
Só meu fido coração  
*Pelos teus olhos eu dera.*

G

Meu

Meu coração, que por ti  
 Supporta o mais viço ardor,  
 Que sobre as aras de Amor  
 Tão constante te offreci;  
 Que desde quando te vi,  
 Jurou pelos olhos teus,  
 Que em quanto o vendado Deos  
 Teu rigor não applacar,  
 Ha de de pranto inundar  
*Estes tristes olhos meus.*

Ah! Quanto sou desgraçado!  
 Nize, meu amor não cré:  
 Davida d'ardente fé,  
 Em que me vê abrazado!  
 Protegei-me, ó Ceo sagrado;  
 Fazei ver Nize querida,  
 Que a santa pyra, erigida  
 A' Verdade, eu não profano;  
 Que a horrenda face do Engano  
*Eu não vi na minha vida.*

**Mas**

Mas que suave mudança  
 Desfaz minha dor violenta!  
 Qual á horrída tormenta  
 Dissipa a doce bonança!  
 Já Nize terna se avança;  
 Já premeia os votos meus!  
 Vem, Nize, mimo dos Ceos...!  
 Para serem rigorosos,  
 Não fazem os Ceos piedosos  
*Tão bons olhos, como os teus.*



XXXV.

*Ao Mortal deo Jove a voz,  
Para exprimir o que sente;  
O Amor explica tudo  
C'hum mover d'olhos sómente.*

G L O S A.

**H**E possível, Ceo potente,  
Que por lei eu deva amar,  
E por lei deva callar  
A paixão, que o peito sente?  
Se amar Jove nos consente,  
Como póde ser em nós  
O fallar hum crime atroz?  
Se o fallar delicto he,  
Não sei, ó Ceos, para que  
*Ao Mortal deo Jove a voz.*

Com

Com a voz meu puro ardor  
 Póde meu bem conhecer ;  
 Por ella eu podia obter  
 Justo premio ao meu amor ;  
 Mas se da lei o rigor  
 Que falle me não consente ,  
 Ai ! Piedade , ó Ceo clemente ,  
 Dizei me por compaixão :  
 Que fará meu coração ,  
*Para exprimir o que sente ?*

Mandará aos densos ares  
 Mil suspiros delirante ?  
 Regará o meu semblante  
 De lagrimas a milhares ?  
 Do Respeito nos altares  
 Será holocausto mudo ?  
 Coração , rompa-se o escudo  
 Da lei , porque estás penando :  
 Falla , coração : fallando ,  
*O Amor explica tudo.*

To-

Todos os Deoses amárão ;  
 E do seu poder despido's ,  
 A' face de Amor rendidos ,  
 Suas paixões declarárão :  
 Para o bem obter , fallárão ;  
 Jove exprimio ternamente  
 Ao seu bem a chamma ardente :  
 Fallou , pediu com ardor ;  
 Não gozou os dons de Amor  
*C'hum mover d'olhos sómente.*



XXXVI.

*Huma mulher, como eu,  
Quando a querer se aventura,  
Se quer a primeira vez,  
Não torna a querer segunda.*

G L O S A.

**H**E, Marília, o meu ciúme  
Do mais puro Amor nascido..!  
» Ah! Suspende o desabrido,  
» Barbaro, cruel queixume:  
» Diga Amor, que em doce lume  
» Nossos peitos accendeo,  
» Se houve em todo o Imperio seu  
» Hum Amante, que adorasse,  
» Ou que tão constante amasse  
» *Huma mulher, como eu?* »

Eu

Eu vencêra o devorante  
 Ciume, que me desvela,  
 Se tu não fôras tão bella,  
 Se eu não fôra tão amante:  
 Mas temer a cada instante  
 Mudanças da Sorte dura,  
 Duvidar da fé mais pura:  
 Esta a triste condição  
 Do mais fido coração,  
*Quando a querer se aventura.*

Perdão, Marilia, piedade!  
 Commôva-te a compaixão  
 Ver penar hum coração  
 Todo amor, todo amizade;  
 Que nas aras da verdade,  
 Com constante intrepidez  
 Tão puros votos te fez;  
 Parece, meu bem amado,  
 Que deve ser perdoado,  
*Sequer a primeira vez.*

Fa.

Façamos, Marilia, as pazes,  
 Gozando em doce união,  
 Ternos prazeres, que são  
 Das nossas almas capazes:  
 Veja a turba dos sequazes  
 Da Inconstancia, e se confunda!  
 Que quem sua gloria funda  
 Em ser firme até morrer,  
 Se huma vez chega a querer,  
*Não torna a querer segunda.*



XXXVII.

*De que me serve ter sido  
Da ventura tão mimosa,  
Se me faz mais desgraçada  
O ter sido venturosa?*

G L O S A.

**P**Or mais que Amor atirava  
Contra Anarda, que dormia,  
A seus pés quebradas via  
Quantas setas disparava:  
Desesp'rado rompe a aljava;  
Venus chama enfurecido.  
„ Mái (lhe diz), estou perdido!  
„ Se não venço o seu rigor,  
„ Tantas vezes vencedor  
„ *De que me serve ter sido?* „

„ Vin-

„ Vingança , Mãi dos Amores ,  
 „ Contra Anarda , que me mata ;  
 „ Vencidos aos pés da ingrata  
 „ Vê meus ferreos passadores ;  
 „ Abraze-se nos ardores  
 „ Da voraz chamma amorosa ;  
 „ Na prisão mais rigorosa  
 „ Seu ingrato peito veja :  
 „ Só assim talvez não seja  
 „ *Da ventura tão mimosa. „*

„ Filho amado , enxuga o pranto ;  
 ( Diz-lhe a Mãi enternecida )  
 „ Eu nada posso ! Rendida  
 „ Já me tem seu doce encanto :  
 „ Mas tu não sabes o quanto  
 „ Merece ser adorada !  
 „ Inda quando a vejo irada  
 „ Contra mim , 'stou duvidosa ,  
 „ Se então me faz mais ditosa ,  
 „ *Se me faz mais desgraçada. „*

„ Fo-

- „ Foge , Amor , vôa ligeiro ;  
 „ Que se acorda Anarda bella ,  
 „ Filho , morrerás por ella ,  
 „ Ficarás seu prisioneiro :  
 „ Foi o seu peito o primeiro  
 „ Livre da chamma amorosa ;  
 „ Esta isenção poderosa  
 „ Só ella dos Ceos obteve ;  
 „ A's suas virtudes deve  
 „ *O ter sido venturosa.* „



**XXXVIII.**

XXXVIII.

*Quem ha que não se enterneça?  
 Quem piedade, ob Ceos não tem  
 Dos transportes d'alma afflicta  
 Que se aparta do seu bem?*

G L O S A.

**M**Ortaes, conhecei Amor:  
 He por lei do fementido  
 Que da triste, afflicta Dido  
 Se affasta Enéas traidor;  
 Lá de Abydo o Nadador  
 Faz que nas ondas pereça;  
 Findo hum mal outro começa,  
 Troia cahe, arde Carthago:  
 A' vista de tanto estrago,  
*Quem ha que não se enterneça?*

Não

Não contente o cego Nume  
 De seu jugo fero , e duro ,  
 Baixa sobre o Averno escuro ,  
 Comsigo traz o Giume ;  
 Com elle a tudo consume ;  
 Arma hum bem contra o seu bem ,  
 Faz que á raiva cultos dem ,  
 Em ais , em ancias , em brados :  
 De ver tantos desgraçados  
*Quem piedade , oh Ceos , não tem !*

No seu Templo em abandono  
 Vagão milhares d'Amantes ,  
 Crava punhaes penetrantes  
 Em mil corações sem dono :  
 Do soberbo , férreo throno  
 As leis mais cruentas dicta ;  
 Se hum amante afflicto grita ,  
 E com ais o quer mover ,  
 Folga , e ri-se de prazer ,  
*Des transportes d'alma afflicta.*

Ten-

Tendes visto em pranto, e dor  
 As victimas desgraçadas,  
 Que palpitão immoladas  
 Sobre os altares d'Amor?  
 Pois tem inda hum mal maior,  
 Qual do Baratro não vem,  
 Em si todo o mal contem:  
 He a dor d'hum fido amante  
 Naquelle fatal instante  
*Que se aparta do seu bem.*

I - e Hymno - inferno

## XXXIX.

*Não tenbo grossos rebanhos  
 Que a teus pés possa ofertar ;  
 Tenbo huma alma , se a quizeres :  
 He quanto te posso dar.*

## G L O S A.

**H** Um sorriso da Ventura  
 Jámais, Anfrisa, alcancei,  
 Eu sempre infeliz banhei  
 De meu pranto a terra dura.  
 Do desgosto, e da amargura  
 Nascem os meus pobres ganhos;  
 Pelos influxos estranhos  
 De ímpias estrellas malinas,  
 Não tenho vastas campinas  
*Não tenbo grossos rebanhos.*

D'altas victorias o louro  
 Thronos, Sceptros, vâas grandezas  
 São da Ventura a riqueza,  
 Que enchem seu fatal thesouro;  
 Altas salas, tectos d'ouro,  
 He quanto nos pôde dar:  
 E hei de a Ventura adorar?  
 Não, Anfriza, ella não tem  
 Em todos seus bens hum bem  
*Que a teus pés possa offertar.*

Eu sim, no mar da pobreza  
 Em que naufrago fluctuo,  
 Huma victima possuo  
 Digna de tua belleza;  
 Outra que a exceda em pureza,  
 Bella Anfriza, não esperes.  
 Se com mimo a receberes,  
 Se o sacrificio aceitares,  
 Para pôr em teus altares  
*Tenbo huma alma se a quizeres.*

H

Nel-

Nella , minha Anfriza bella ,  
 Os mais altos bens estão ,  
 Ella anima hum coração  
 Que he tão puro como ella :  
 Vê como palpita , e anhella  
 Sobre o teu divino altar ;  
 Mais não te posso ofertar.  
 Minha alma he hum dom do Ceo :  
 Dou-te quanto elle me deo ,  
*He quanto te posso dar.*



XXXIX.

## XXXIX.

*Vi a dura lei de Amor ,  
Com que receio a fui ler !  
Manda que viva morrendo ,  
Sem acabar de morrer.*

## / G L O S A .

**H**oje , bella Marcia , entrei  
No Templo do Deos de Gnido ;  
Ante o Numen desabrido  
Constante fé te jurei :  
N'ardente pyra toquei ,  
Sem ver a face ao temor ;  
Mas perdi todo o valor ,  
Senti o sangue gelar-se ,  
Apenas executar-se  
*Vi a dura lei de Amor.*

Mil Amantes deliravão  
 A's mãos do cruel ciume ;  
 Outros maldizendo o Nume,  
 Sobre as chammas se lançavão :  
 Debalde os ais, que atroavão,  
 Amor pertendem mover ;  
 Elle cheio de prazer,  
 Manda-me lêr, sem detença,  
 A minha fatal sentença :  
*Com que receio a fui ler !*

Condemna-me Amor irado  
 A viver sempre em tormento ;  
 Castigo do atrevimento  
 De te haver, Marcia, adorado :  
 Quer que eu viva desgraçado,  
 Os teus desprezos soffrendo ;  
 Quer que do ciume horrendo  
 Eu sinta o golpe fatal !  
 E por não ter fim meu mal,  
*Manda que viva morrendo.*

Em-

Emfim, sou réo por amante !  
 Beijo a mão, que me condemna ;  
 Mil vezes feliz a pena  
 Pela culpa de adorar-te :  
 Como eu possa idolatrar-te,  
 Que me importa padecer ?  
 Tenha eu a gloria de ver  
 O teu mimoso semblante,  
 Morra embora a cada instante,  
*Sem acabar de morrer.*



*Quando o Fado he rigoroso,  
Nada vale ao infeliz;  
Nunca ninguem alcançou  
O que a Fortuna não quiz.*

## G L O S A.

**N**Os olhos da linda Isbella  
Poz ufano o Deos vendado  
O meu Destino, o meu Fado,  
Minha Sorte, minha Estrella:  
Meu coração tanto anhela  
A hum seu volver piedoso,  
Que arfando em glorias vaidoso  
No peito, em que apenas cabe,  
Elle não sente, nem sabe  
*Quando o Fado he rigoroso.*

Mal

Mal que os lindos olhos move,  
 Com seu encanto divino  
 Lança grilhões ao Destino,  
 Empunha o Sceptro de Jove:  
 Próve o triste Amante, próve  
 De Amor os farpões subtrís;  
 De huma, e outra cicatriz  
 Mil baldados ais exhale;  
 Que se Isbella lhe não vale,  
*Nada vale ao infeliz.*

Quando em tormenta espantosa  
 A Fortuna em vão chamava,  
 Deo-me quanto me negava  
 A cega Deosa raivosa:  
 Minha procella horrorosa  
 Em doce calma tornou;  
 De mil glorias me coroou:  
 Tantos dons, tantos agrados,  
 Lá nos Elysios sagrados  
*Nunca ninguem alcançou.*

Tem

Tem Isbella o superior  
 Imperio dos corações ;  
 Já os buidos farpões  
 Lhe cedeo rendido Amor :  
 Templo d'eterno esplendor  
 Dentro em meu peito lhe fiz :  
 Ah! Quem quizer ser feliz ,  
 Venha em meu peito adorar  
 Aquella que me quiz dar  
*O que a Fortuna não quiz.*



XLI.

*Sei que Amor nunca nos ha de  
Perpetuamente ligar ;  
Não viviremos unidos ,  
Mas eu sempre te hei de amar.*

G L O S A .

**D** Ecretou o negro Fado  
No férreo throno de horror ,  
Que dos Escravos de Amor  
Eu fosse o mais desgraçado :  
Tenho-te, ó Marcia , offertado  
Em vão pura lealdade ;  
Por mais que Amor com vaidade  
Nos têça ternas prizões ,  
Unir nossos corações  
*Sei que Amor nunca nos ha de.*

Sou

Sou infeliz ; e por mais  
 Que empenhe Amor seu poder ,  
 Nunca poderá vencer  
 Os meus Destinos fataes :  
 Mando á Desgraça meus ais ,  
 Antè o seu medonho altar ;  
 Quando a pertendo appacar ,  
 Jura pela Estyge feia ,  
 Que me ha de a sua cadeia  
*Perpetuamente ligar.*

Mas ha hum poder mais forte ,  
 Que ha de vencer nossa estrella ;  
 Sabes quem he , Marcia bella ?  
 He quem vence tudo , a Morte :  
 Quando ao seu vencedor corte  
 Virmos os Fados rendidos ,  
 Nós viviremos cingidos  
 Dos bens , a que a Sorte nos nega ;  
 Em quanto a Morte não chega ,  
*Não viviremos unidos.*

Póde o Destino spartar-me  
 De teus lindos olhos bellos ;  
 Da gloria, e do bem de vêllos  
 Póde o tyranno privar me :  
 Mas não poderá roubar-me  
 A esp'rança de te gozar ;  
 Póde raivoso assanhar  
 Contra o meu coração terno  
 As negras Furias do Inferno ;  
*Mas eu sempre te hei de amar.*



XLII.

*Não sei o que tem Amor ,  
Com fazer entristecer ,  
Que a peito , que o accommoda ,  
Não póde alegre viver .*

G L O S A .

**D**Esde quando a Amor rendi  
A innocente liberdade ,  
Nunca hum signal de piedade  
No Tyranno conheci :  
Mas desde que Anarda vi ,  
Despio o cruel rigor ;  
Terno , meigo , encantador ,  
Ora me chama ditoso ,  
Ora me affaga mimoso :  
*Não sei o que tem Amor .*

Mas

Mas já sei, a discrição  
 Da gentil Anarda bella,  
 Não só venceo minha estrella,  
 Mas de Amor a condição:  
 Pôde no meu coração  
 Trocar a pena em prazer;  
 Té a Amor o peito encher  
 Ella pôde de alegria,  
 Peito, que só se nutria  
*Com fazer entristecer.*

Vendo Amor minha ventura,  
 Se accommodou no meu peito,  
 Onde ao coração tem feito  
 Conhecer o que he ternura:  
 Vendo Anarda, me segura  
 Da Fortuna a infausta roda,  
 Occupa-me a alma toda;  
 Tanto, tanto cresce Amor,  
 Que inda parece maior  
*Que o peito, que o accommoda.*

Fez-

Fez-me Anarda venturoso,  
 Ouvi seu canto divino,  
 Vi seu gesto peregrino,  
 Não posso ser mais ditoso:  
 Vós, que ao Destino horroroso  
 Vótos fazeis por obter  
 O suspirado prazer,  
 He baldada vossa empreza:  
 Quem não vê sua belleza  
*Não póde alegre viver.*



XLIII.

*Ditosa morada aquella ,  
 Onde vive o meu Pastor ;  
 Oh ! Quem com elle vivêra ,  
 Dando-lhe provas de Amor !*

G L O S A .

**D**Oces lares de ternura ,  
 Sitio bemaventurado ,  
 De quem me tem apartado  
 Feras leis da Sorte escura :  
 Era alli minha ventura  
 Nutrida por Marcia. bella ;  
 Tu sabes , ao bem de vella ,  
 Quanto me era , Amor piedoso ,  
 Aquelle sitio ditoso ,  
*Ditosa morada aquella !*

Al-

Alli Marcia encantadora,  
 O meu bem, Marcia formosa,  
 Terna, meiga, e carinhosa  
 Repetia a toda a hora:

- „ Vai levar a quem te adora,  
 „ Vãa Fortuna, o teu favor;  
 „ Dá-lhe grandeza, esplendor,  
 „ Thronos, sceptros, fausto altivo;  
 „ Sou mais feliz quando vivo  
 „ *Onde vive o meu Pastor.* „

Outras vezes reclinada  
 Sobre as venturosas flores,  
 Me dava, entre mil amores,  
 A beijar a mão nevada:

Outras clamava assustada:

- „ Numes da lúcida Esfera,  
 „ Quem sempre viver podera  
 „ C'o meu Pastor desta sorte;  
 „ E inda para lá da morte,  
 „ *Ob! Quem com elle vivêra!* „

Mais

Mais não pôde a Sorte escura  
 Soffrer meu feliz estado;  
 Arrancou-me desgraçado  
 D'entre os braços da Ventura:  
 Condemnou-me, por lei dura,  
 A soffrer d'ausencia a dor;  
 Mas eu, constante Amador,  
 Ao meu bem neste retiro  
 Darei o final suspiro,  
*Dando-lhe provas de amor.*



## XLIV.

*Corre, Amor, vâa apressado,  
Onde o meu bem habitar;  
E sobre o seu lindo peito  
Vai mil suspiros lançar.*

## G L O S A.

**P**Elas Fúrias agitada,  
Elisa pállida, e fria,  
Os ermos paços corria  
De Carthago incendiada:  
Vendo ir-se alongando a Armada,  
Em que, por ordem do Fado,  
Seu doce bem lhe he roubado,  
Ella exclama com furor:  
» A suspender o traidor  
» *Corre, Amor, vâa apressado.* »

» Fal-

- „ Fallo em vão , não me responde  
 „ De Amor o Nume cruento ;  
 „ E o motor do meu tormento  
 „ A' minha vista se esconde :  
 „ Aonde , infeliz , aonde  
 „ Allivio posso encontrar ?  
 „ Só tu , Morte , o podes dar ;  
 „ Pois o viver me he penoso ,  
 „ Longe do sitio ditoso ,  
 „ Onde o meu bem habitar. „

Disse , e pegando na espada ,  
 Unica prenda funesta ,  
 Que do tyranno lhe resta ,  
 No peito a embebe apressada :  
 Em rôxo sangue banhada ,  
 Se lança no eburneo leito ,  
 Outra hora ao prazer affeito ,  
 Corria pranto copioso  
 Pelo rosto , inda formoso ,  
*E sobre o seu lindo peito.*

Eis da Parca sente o corte,  
 Entra n'hum frio tremor;  
 Segunda vez chama a Amor,  
 E lhe exclama desta sorte:  
 „ A minha trágica morte  
 „ Corre ao pérfido a contar;  
 „ E para mais atterrar  
 „ O meu barbaro assassino,  
 „ Ante o seu rosto ferino  
 „ *Vai mil suspiros lançar.* „

St

XLV.

*Destes ditos lugares ,  
Onde fica o coração ,  
A meus ternos ais responde ,  
Tão dignos de compaixão .*

G L O S A .

**A** Deos , sitio venturoso ,  
Onde a Marcia fé jurei ;  
A Deos , tronco , em que layrei  
Seu nome caro , e mimoso .  
Que te fiz , Amor piedoso ?  
Profanei teus santos lares ?  
Se ardi sempre em teus altares  
Victima pura , innocente ;  
Porque mandas que me ausente  
*Destes ditos lugares ?*

Tu,

Tu , que ao meu bem me prendeste  
 Entre os laços mais seguros,  
 E de dois corações puros  
 Hum só coração fizeste ;  
 Na dura lei , que escreveste ,  
 Tens hum funesto padrão ;  
 Lá da minha solidão ,  
 Os Zéfyros condoidos  
 Há de trazer meus gemidos  
*Onde fica o coração.*

Já entro a feia espessura . . !  
 Salve , amiga escuridade ,  
 Onde piedosa saudade  
 Minha fé constante apura :  
 De ti meus ais de ternura  
 Já éco conduz aonde  
 Por meu mal meu bem s'esconde ;  
 Já de lá , compadecida ,  
 Que a minha Marcia me he fida  
*A meus ternos ais responde.*

Se-

Separados viveremos,  
 Farta em nós teu rigor forte;  
 Que, em chegando a cara Morte,  
 Nossas almas uniremos:  
 Inda has de ver os extremos  
 De meu puro coração,  
 Tão dignos de adoração,  
 Rindo da tua altivez,  
 Como ufano agora os vês  
 Não dignos de compaixão.



XLVI.

*Todo este monte não tem  
Como Anfrizo outro Pastor ;  
Nem que tenha tanto amor ,  
Nem que saiba amar tão bem.*

G L O S A .

**E** U sou , Marcia , o desgraçado  
Anfrizo , aquelle Pastor ,  
Que sobre as aras de Amor  
Tão pura fé te ha jurado :  
Vê , cruel , vê em que estado  
Me tem posto o teu desdem !  
Quando , ingrattissimo bem ,  
Huma pedra , hum tronço só ,  
Que de mim não tenha dó ,  
*Todo este monte não tem.*

Não

Não me conheces, tyranna?  
 Já te esquece, sem piedade,  
 A minha pura lealdade,  
 A minha fé soberana?  
 Ah! lembra-te, deshumana,  
 Quantas vezes disse Amor,  
 Que supportar seu vigor,  
 Nem chegar á ardente pyra,  
 Tão constante nunca víra  
 Como Anfrizo outro Pastor.

Não tenho bens, vivo pobre  
 Mas na minha condição,  
 Possuo hum bom coração,  
 Tenho huma alma firme, e nobre:  
 Em quanto o almo Sol cobre  
 Não acharás hum Pastor,  
 ( Bem que da Sorte ao favor  
 Apascente immenso gado )  
 Nem, como eu, tão desgraçado,  
 Nem que tenha tanto amor.

Mas

Mas Amor ha de vingar  
 A minha fé ultrajada,  
 Has de amar sem ser amada,  
 Has de em zêlos delirar,  
 Has de, tyranna, provar  
 O veneno do desdem:  
 E se acaso houver alguém  
 Que te ame, ah! queira o Ceo  
 Que não seja como eu,  
 Nem que saiba amar tão bem.



XLVII.

*De teus olhos a luz pura  
Desterrou minha afflicção,  
Nella veio a paz ditosa,  
A paz do meu coração.*

G L O S A.

**Q**Uádo a Aurora, erguêdo a fronte,  
Niveo pranto ao bosque envia;  
O fozoso Author do dia  
Quando doura o cume ao monte:  
O fresco rugir da fonte,  
Brando rio, que murmura;  
Tudo que a sabia Natura  
De brilhante nos offrece,  
He nada quando apparece  
*De teus olhos a luz pura.*

Qu-

Quanto, Anfriza, he superior,  
 Quanto he grande o teu poder!  
 Sem ti, não pôde reger  
 O seu vasto Imperio Amor:  
 Sempre em pranto, sempre em dor,  
 Beijeí seu duro grilhão:  
 Mal vi tua perfeição,  
 Que o furor do Ceo acalma,  
 Encheo de prazer minha alma,  
*Desterrou minha aflicção.*

Não foi Amor quem venceo  
 A minha cruenta Estrella,  
 A hum teu riso, Anfriza bella,  
 Seu duro influxo cedeo:  
 Vi tua graça, que o Ceo  
 Applacou, terna, e piedosa,  
 Vi nella a face mimosa  
 Do meu Fado venturoso,  
 Ao meu coração ancioso  
*Nella veio a paz ditosa.*

Sou

Sou feliz , já não invejo  
 A ventura dos Pastores ,  
 Que gozão ternos amores  
 Nas frescas margens do Téjo ,  
 Tenho glórias de sobejo ,  
 Teus olhos meus Numes são ;  
 São os bens que elles me dão ,  
 Bens que eternamente durão ,  
 São elles , quem me segurão  
*A paz do meu coração.*



## XLVIII.

*Ter frio o sangue nas veias ;  
E no peito a ardente chamma ,  
Ter perdido a cor do rosto ,  
São effeitos de quem ama.*

## G L O S A.

**T** Odo o amante , por costume ,  
Sem custo , suspira , e chora ,  
Qualquer belleza que adora  
Ser a Mãi d'Amor presume:  
Diz-lhe , que arde em voráz lume ,  
Que arrasta a duras cadeias ,  
Que morre , e dando-lhe idéias ,  
De ver já a face á Morte ,  
Lhe mostra , em terno transporte ,  
*Ter frio o sangue nas veias.*

Clama contra a Natureza ,  
 Pergunta ao supremo Author ,  
 Se havia ser crime Amor  
 Para que fez a Belleza?  
 Transportado passe á impreza ,  
 De mostrar ao bem que o inflamma,  
 Que se o duro tronco ama,  
 Deve amar com mais razão ,  
 Quem tem terno coração ,  
*E no peito a ardente chamma.*

Com esta arte insinuante  
 Illude a prenda adorada ,  
 Que já pensa desvelada  
 Ter ganhado hum fido amante :  
 Recita-lhe delirante  
 Doces versos , que há composto ,  
 Dá na mão á face encosto ,  
 Ajoelha , rompe o peito ,  
 Geme , e jura a seu respeito  
*Ter perdido a cor do rosto.*

O' vós, noviços de Amor !  
 Fugi-lhe a passos velozes ;  
 Escutai as minhas vozes ,  
 Sou amante , e prégador :  
 Hum ai , hum frio suor ,  
 Hum pranto , que se derrama ,  
 Não demonstrão pura chamma :  
 Só a fé , só a ternura ,  
 A paz , constancia , e candura ,  
*São effeitos de quem ama.*



## XLIX.

*Quando te não conhecia,  
Terno prazer respirava;  
Mal vi teu gesto engraçado  
Perdi a paz que gozava.*

## G L O S A.

**T**Ernos, e meigos Pastores,  
O Gado, que apascentava,  
O Zéfyro, que brincava,  
O arbusto, os rios, as flores,  
Dos Musicos voadores  
O canto ao romper do dia:  
Era a pasmosa harmonia  
De tanto objecto innocente,  
Que occupava minha mente  
*Quando te não conhecia.*

No prado brincava Amor  
 Com aspecto meigo, e lindo,  
 Ora ao tronco a éra uaindo,  
 Ora bafejando a flor:  
 Mil vezes, de Caçador  
 Occultos laços armava,  
 Se eu incauto passeava,  
 E lhe cahia nos laços,  
 Me soltava, e nos seus braços  
*Terno prazer respirava.*

Hum dia diz-me o fingido:  
 Dou-te a minha Anfriza bella,  
 Cupido te entrega nella  
 Quanto póle dar Cupido.  
 Onde me havia escondido  
 Te trouxe, meu bem amado:  
 Fui aos Ceos arrebatado,  
 E em gloria tão superior,  
 Eu julguei ser mais que Amor  
*Mal vi teu gesto engraçado.*

De

De zelos ardendo o Nume,  
 ( Lançando-me o grilhão duro )  
 Passa do Baratro escuro  
 Para o meu peito o ciume:  
 Quando no seu voráz lume  
 Já minha paz espirava,  
 Nada perdi, eu clamava,  
 O meu bem mais se etérniza,  
 Ganhei, quando por Anfriza  
*Perdi a paz que gozava.*



L.

*Do remorso a dor violenta  
Jámais de mim se separa,  
A Desgraça me persegue,  
Já Amor me não ampara.*

G L O S A.

**H** Um peito constante, e forte,  
Que nutre em si a fé pura,  
Não receia a Desventura,  
Zomba do furor da Sorte;  
A feia face da Morte  
Vê em paz, não desalenta:  
Só faz a Morte cruenta  
Perder o socego, e calma,  
Ao triste, que sente n'alma  
*Do remorso a dor violenta.*

Quan.

Quando , Anfriza , te jurei  
 Perpétua fidelidade ,  
 Sobre as aras da Verdade  
 Meus labios purifiquei :  
 De delictos não manchei  
 Minha fé constante , e rara ,  
 Desde que em meu peito entrára ,  
 Fez eterna habitação  
 Dentro do meu coração ,  
*Jámais de mim se separa.*

Amemos , Anfriza , amemos ,  
 Com fé constante , e singella ,  
 Que da nossa imiga Estrella  
 O furor applicaremos :  
 No virtuoso que vemos ?  
 A Desgraça serapre o segue ;  
 E no ímpio ? Os bens consegue ,  
 Que goza em fastoso Templo.  
 Ah ! meu bem , que a tal exemplo  
*A Desgraça me persegue.*

Do

Do vasto Templo de Gnido,  
Eu não respeito o senhor,  
O meu Nume, o meu Amor  
E's só tu, meu bem querido:  
Tenho-te em meu peito erguido  
Maior Templo, Pyra, e Ara:  
Quando victima preclara,  
O teu fogo me consume,  
Como tu és o meu Nume,  
*Já Amor me não ampara.*

SE

*Eu*

*Eu não troço os meus accasos  
Por venturas de ninguém.*

G L O S A.

**M**Arche o Vencedor potente  
Por cativos conduzido,  
Nos despajos do vencido  
Fórme o seu carro luzente,  
Na terra, e no mar valente  
Metta a pique armados vasos,  
Deixe os fortes muros rasos,  
Cinja a frente de victorias,  
Que por todas suas glorias  
*Eu não troco os meus acasos.*

Por

Por acaso a Nize vi,  
 Bem por acaso a adorei;  
 Logo a alma lhe entreguei,  
 Meu coração lhe rendi:  
 De seu peito recebi  
 Mimos, que preço não tem;  
 Pois se eu pude tanto bem  
 Por meus acasos lograr,  
 Eu não as quero trocar  
*Por venturas de ninguém.*



*Vc*

*Vejo por terra vencidos  
Corpos que Amor destroçou.*

G L O S A.

**H** Eróes, de sangue nutridos,  
Entre o marcial furor,  
No Templo horrendo d'Amor,  
*Vejo por terra vencidos:*  
Pulão corações partidos,  
Que o cruel despedaçou,  
Entranhas, que atasalhou  
Vejo palpitar sem dono;  
Erão-lhe degráos do Throno  
*Corpos que Amor destroçou.*

*Nas*

*Nas azas do Desengano  
Vi minha Esperança voar.*

G L O S A.

**A**H! não mais, Amor tyranno,  
Para mim laços não teças,  
Vi voar tuas promessas:  
*Nas azas do Desengano:*  
E's hum falso, hum deshumano  
Não te quero acreditar:  
Quando, sobre o teu altar,  
Eu lançava puro incenso,  
D'entrê o fogo, e o fumo denso,  
*Vi minha Esperança voar.*

A

*A doença do ciúme  
Não a cura a Medicina.*

G L O S A.

**M** Agro, secco, sem chorume,  
Amarella a côr do rosto,  
Neste estado me tem posto  
*A doença do ciúme:*  
Eu amava por costume,  
Eis zelos d'huma Nerina  
Me causarão tal ruina;  
Já que quiz metter-me em restia,  
Morrerei, que esta molestia  
*Não a cura a Medicina.*

*Nas*

*Nas Aras do Deos Cupido  
Ninguem ponba o coração.*

G L O S A.

**E**Ntrei no Templo de Gnido,  
Do que vi, inda estou louco:  
Vi sentado Manoel Côco  
*Nas Aras do Deos Cupido:*  
Eu sou, diz, de Amor valido,  
Vinde dar-me adoração;  
Manda o Deos por meu brazão,  
Que em seu altar sem coquices,  
Ou fazer mil piéguices,  
*Ninguem ponba o coração.*

*Hum*

*Hum coração innocente  
Embrulbado n'bum papel.*

G L O S A.

**V** I huma moça excellente,  
Seu lindo gesto encantava ;  
Nas meigas faces mostrava  
*Hum coração innocente:*  
Corro a ella, e de repente  
Off'reço-lhe o meu anel ;  
Mas vendo a Pomba sem fel  
Da minha offerta assustada,  
Tive dó, dei-o á Criada  
*Embrulbado n'bum papel.*

*Pen-*

*Pende para a minha parte.*

G L O S A.

**E**M balança exacta, Amor,  
 Quiz ver quem pezava mais,  
 Se os meus extremos leais,  
 Se de Marilia, o rigor:  
 Vai a balança dispôr,  
 Sem usar de engano, ou arte;  
 Traições, e extremos reparte,  
 Nas aureas conchas os lança,  
 Ergue a mão, eis a balança  
*Pende para a minha parte.*

*Justo Ceo, porque me deste  
Huma alma capaz de amar?*

## G L O S A.

**J**Á que hum homem me fizeste,  
Podendo fazer me hum gato,  
Beijos gróssos, nariz chato,  
*Justo Ceo, porque me deste?*  
Se huma pelle me puzeste  
Côr de noite sem luar,  
E esta me priva cazar  
C'o huma branca, que me atiga,  
Dares-me, foi injustiça,  
*Huma alma capaz de amar.*

Do

*Do Téjo as aréas de ouro.*

G L O S A.

**Q**uerendo adornar-me Amor,  
 De verde laurel, que apresta,  
 Corre a enramar-me a testa,  
 Quer-me a cabeça compôr:  
 Pôz-me o Deos enganador  
 Dous cornos em vez do louro:  
 Eu apenas me vi Touro,  
 Entro na terra a raspar,  
 Fazendo subir ao ar  
*Do Téjo as aréas de ouro.*



Ca.

*Cupido defendo eu.*

G L O S A.

**O** H Ceos ! Que vejo , q̃ horror !  
 Por praças , ruas , e outeiros ,  
 Hum milhão de Quadrilheiros  
 Pertendem prender Amor :  
 Justo Ceo , dá-lhe favor ,  
 E defende hum Numen teu ;  
 Mas Amor appareceu ,  
 Alto lá vilões ruins ,  
 Que das garras dos Malsins  
*Cupido defendo eu.*

L

As

*As melhoras de Sofia.*

G L O S A.

**A** Mor, premios repartindo,  
 Do augusto throno estava,  
 Huns de mil bens coroava,  
 Outros de laureis cingindo:  
 Que queres? (me diz sorrindo)  
 Pede quanto a Terra cria,  
 Tudo te dou neste dia.  
 Eu lhe grito, Amor piedoso,  
 Dá-me, para eu ser ditoso,  
*As melhoras de Sofia.*

Co.

Como vem risonha a Aurora ,  
 As madeixas sacudindo ,  
 De niveos grupos cubrindo  
 Os verdes Campos de Flora !  
 Eu te salvo , ó precursora  
 Do mais venturoso dia ;  
 Não he muito , que álegria  
 Ferva em teu rosto jocundo ,  
 Quando venis trazer ao Mundo  
*As melhoras de Sofia.*

Chegão de Sofia aos lares  
 As melhoras desejadas ,  
 Por mim , mil vezes votadas ,  
 De Amor nos sacros Altares :  
 Se ás aves nos densos áres ,  
 Se ás féras , que a Terra cria ,  
 Dão prazer , dão alegria ;  
 Eu que sinto , amo , e desejo ,  
 Que sentirei , quando vejo  
*As melhoras de Sofia ?*

*Ara tu , victima eu ,  
Tu pyra , eu sacrificio.*

G L O S A .

**N**Um altar , que Amor ergueo ,  
Que ara , e victimas não tem ,  
Quer , que sejamos , meu bem ,  
*Ara tu , victima eu :*  
Pede huma victima o Ceo  
Que jámais manchára o vicio ;  
Conhecendo Amor propicio  
A pureza com que amamos ,  
Manda Anfriza , que sejamos  
*Tu pyra , eu sacrificio.*

Su-

Suba recto o fumo ao Ceo ,  
 Hum sacrificio façamos ,  
 Bella Antriz , em que sejamos  
*Ara tu , victima eu ;*  
 Abraze-me o fogo teu ,  
 Demos ao culto exercicio :  
 Lá do throno , Amor propicio ,  
 Nos ha de ver , com vaidade ,  
 Sobre o altar da verdade  
*Tu pyra , eu sacrificio.*

§

Hum

Hum Amigo do Author , grande Jogador da Manilha , e esportissimo no modo de amaçar as Cartas , perdendo huma noute , lhe pedio quizesse tomar o seu lugar , o que fez ; e sendo maçado , lhe conta nestas Decimas o combate. As palavras em que acabão , são nomes que se dão ás diferentes situações em que se perde o Jogo.

**M**Eu Azevedo , contar-te  
 Eu quero o fatal destroço ,  
 Vou fazello , mas não posso ,  
 Falta-me o valor , e arte :  
 Vi rasgar teu estandarte ,  
 Pizar as tuas trapaças ;  
 Eu mettido em taes desgraças ,  
 Vou valente alçar a vóz ,  
 Pregarão-me c'o hum nicós ,  
 E com duas vergonhaças.

Ca-

Caio emfim envergonhado,  
 Vejo o Irmão envolto em glorias,  
 Já contando mil historias,  
 Vejo o Mestre descarado :  
 Espertinho, e nacarado,  
 Torno a mim, atiro hum bote ;  
 Morra já tanto pixote,  
 Grito ao Mestre, fogo, fogo ;  
 Por fim perdemos o jogo,  
 E levámos hum capote.

Assim se vão altercando  
 As contendas mais travadas,  
 Nós a fazermos maçadas,  
 Mas elles sempre maçando :  
 Até que ardendo, e espumando,  
 Nas tuas nicas me estribo,  
 Ah! que agora eu os derribo,  
 Com valor empunho a lança ;  
 Mas vendo a minha chibança  
 Me pespegarão c'o hum chibo.

Sa-

Sahe a turba dos sequazes,  
 E me faz tal berraria,  
 Que já quasi me parcia  
 Ser o touro dos rapazes:  
 Chovem chufas, bem capazes  
 De fazer zangar hum tronco,  
 Mordo o beijo, e com ar bronco,  
 Usei da tua maçada,  
 Mas por fim, sendo frustrada,  
 Pregarão-me hum demanonco.

Trinta e cinco n'uma mão,  
 Eu fiz com bastante gloria,  
 E tendo certa a victoria,  
 Disse com affectação:  
 Pegue no baralho, Irmão,  
 Aqui tem o ferro, vibreo  
 Contra mim, perca o equilibrio  
 Da piedade, e então me ria;  
 Mas em paga da ironia  
 Perco o Jogo de ludibrio.

Eu

Eu então, sem mais rebuços,  
 Em nervosas convulsões,  
 Quem me salva dos ladrões,  
 Exclamo, entre mil soluços:  
 Venhão matracas, e chuços,  
 Hoje tudo em ferros fique.  
 Nisto se desata o dique  
 De infinitas pateadas,  
 E ao som de immensas risadas  
 Me abafarão c'o hum perrique.

Se querias, Azevedo,  
 Que eu te fosse despicar,  
 Quando me deste o lugar  
 Havias-me dar hum dedo:  
 Causaria espanto, e medo,  
 Com elle ao Rei das pandilhas,  
 Eu fizera maravilhas,  
 E milagres de mil modos,  
 E até, á vista de todos,  
 Dos tres fizera manilhas.

Man-

Mandando o A. huns leitões , estando  
doente dos olhos.

D E C I M A .

**D**O respeito a méta passo ,  
Sou atrevido não nego ,  
Mas como estou quasi cego ,  
Não vejo bem o que faço :  
Perdoai o mimo escaço ,  
De que peço mil perdões :  
He bem justo , que milhões  
Vossa grandeza rejeite ,  
Mas , Senhor , a Antonio Leite  
Acceitai esses leitões.



Man-

Mandando hum prato de arroz de leite a hum seu Amigo.

D E C I M A.

**D** Evêra ser desprezado  
 Esse prato de arroz doce,  
 Se elle ás vossas mãos não fosse  
 Pelo meu amor levado :  
 Mas para do vosso agrado  
 Merecer benigno effeito,  
 Basta ver, que do meu peito  
 A amizade vos figura,  
 Pois he tão candida, e pura  
 Como a nata de que he feito.



Pe-

Pedindo a hum Amigo huma caixa  
de Rapé.

D E C I M A.

**A** Migo , estou feito em cisco ,  
E como em salvar-me estudo ,  
Protestei seguir em tudo  
A Regra de S. Francisco.  
O preceito he duro , e arisco ;  
A quem seu Confrade he ,  
Manda que peça , e com fé :  
Pois que o Santo assim o diz ,  
Vou pedir para o meu nariz  
Essa caixa de Rapé.



I D Y L L I O.

**Q**Uando ao som da infausta lyra,  
 Em Canções que forma a dor,  
 Aos rochedos me queixava  
 Das tyrannias de Amor ;

Quando nas lúgubres azas  
 De tristissimas endeixas,  
 Ao coração d'huma ingrata  
 Mandava baldadas queixas ;

Quando emfim qual niveo Cysne  
 Que na morte o canto apura,  
 Eu já entrava cantando  
 Pelo horror da sepultura.

E1.

Entre hum chuveiro de luzes ,  
 Sobre nuvem prateada ,  
 Vejo descer do Parnaso  
 A minha Musa adorada ;

Calca aos pés a lyra triste ,  
 Me diz com gesto mimoso ,  
 Tu serás , entre os Cantores  
 O Cantor mais venturoso.

Toma esta Lyra divina ,  
 Empunha este plectro de ouro ,  
 Cinge na fronte ditosa  
 Esta grinalda de louro.

Almo licor de Castellia  
 Já teu estro frôxo alaga ,  
 Apollo , do santo nectar  
 Já tua mente embriaga.

Al.

Alto assumpto te apresenta ,  
 Que o mais alto assumpto excede ,  
 Nelle , tudo o que he de glorias ,  
 O louro Deos te concede.

He cantar as perfeições ,  
 As perfeições superiores  
 De huma Deidade mais bella  
 Que a bella Mãi dos Amores.

Cantarás suas virtudes ,  
 E exaltadas no teu canto ,  
 Hirão á face de Jove  
 Encher os Deoses de espanto.

O Destino , que alta gloria  
 Fez sempre em te perseguir ,  
 Hoje á presença da Diva  
 Terno te ha de conduzir.

Mais

Mais não diz, e despedindo  
 Sobre mim hum raio ardente,  
 Sinto hum fogo devorante,  
 Que me abraza, e me ergue a mente.

Com furor empunho a lyra,  
 O canto formar desejo,  
 Mas quando os olhos levanto  
 A cara Musa não vejo.

Beijo o plectro, abraço a lyra;  
 Eis que, em glorias transportado,  
 Com semblante doce, e meigo,  
 Vejo o Destino ao meu lado.

Sobre o carro da Ventura,  
 Guiado de amiga Estrella,  
 Me trouxe á tua presença,  
 O' gentil Clarina bella.

Vi teu gesto peregrino ,  
 Não vacillei hum instante ,  
 Logo vi seres o Nume  
 Que a Musa manda que eu cante.

Embelezado em teus olhos ,  
 Já ufano as cordas firo ,  
 Vou soberbo alçar a voz ,  
 Pasma , desmaio , deliro.

A hum só terno movimento  
 De seus raios brilhadores ,  
 Vejo cahirem rendidos  
 Milhões de alados Amores.

Tens cabellos , em que Amor  
 Prende os ditosos Amantes :  
 Não brilhão tanto d'Aurora  
 As madeixas fluctuantes.

No breve, macio espaço  
 De tuas faces mimosas,  
 De níveos jasmíns ao lado,  
 Repousão purpureas rosas.

Da tua boca engraçada  
 Vejo sahir em cardumes  
 Brilhantes, nectáreas frases  
 Com que se explicão os Numes.

Vejo hum mar, que em torno bate  
 Alvo farol, que sustenta  
 Amigos lumes, que animão  
 Nautas d'Amor na tormenta.

D'alli se apartão dois braços,  
 Que a felices portos vão,  
 Onde Amor os bens reparte  
 Que lhe envia o coração.

Vai

Vai este mar . . . mas que vejo!  
 Hum denso, e sagrado véo,  
 Encobre a meus tristes olhos  
 Thesouros, que são do Ceo.

Eis, ó Musa, a sacra lyra,  
 Eis teu plectro encantador:  
 Pintar de Clarina as graças  
 Não deve humano cantor.

Suas virtudes, tão raras,  
 Tu me ordenaste entoar:  
 Posso contar as estrellas,  
 Ou as arêas do mar!

Cinja o louro Deos a frente  
 D'alta gloria de cantallas:  
 Tenbo glorias de sobejo  
 No prazer de contemplallas.



QUINTILHAS

*Ao Ill<sup>mo</sup> Senhor José Xavier da Cunha d'Eça Telles de Menezes, do Conselho de S. A. Real, &c.*

**F**atigado de lutar  
 Com o afflicto pensamento,  
 Mal podendo respirar,  
 Sobre hum rochedo me assento,  
 Em que bate o irado mar.

Alli só acompanhado  
 Da macilenta tristeza,  
 Em tristes prantos banhado,  
 Me queixava da fereza  
 Do meu denegrido Fado.

Nos

Nos ais , que o peito exhalava ,  
 No fero mar , que bramia ,  
 No vento , que sibilava ,  
 A minha melancolia  
 Novos alentos tomava.

A cruel então me diz ,  
 Em tristes vozes medonhas :  
 „ O teu Fado assim o quiz ;  
 „ Por mais que a elle te opponhas ,  
 „ Has de ser sempre infeliz. „

„ Vê seus bens distribuindo  
 „ A Fortuna diligente ,  
 „ Com todos vai repartindo :  
 „ Só tu choras descontente ,  
 „ Quando todos se vão rindo. „

„ Té a Mestra universal ,  
 „ Que a todos tanto premeia ,  
 „ Te nega o seu cabedal ;  
 „ E parece se glorieia  
 „ Em ver crescer o teu mal. „  
 „ Se-

„ Serão de balde os suores ,  
 „ Que banhão teu rosto honrado ;  
 „ Surdo o Ceo a teus clamores ,  
 „ Fulminará sempre irado  
 „ Sobre ti os seus furores. „

A tais vozes , de afflicção  
 Meus ais atroão os ares ;  
 E o meu pobre coração  
 Se lança sobre os altares  
 Da vil Desesperação.

Sinto mil furias no peito ,  
 Sem temor encáro a Morte ;  
 Já o seu mirrado aspeito  
 Impávido vejo , e forte ,  
 Seus horrores não respeito.

No furor em que deliro ,  
 Desafio ao Ceo clemente ;  
 Desesp'rado ao mar me viro ,  
 E com voz balbuciente  
 Estas palavras profiro :

„ A

„ A mais triste creatura  
 „ Recebei, ondas piedosas;  
 „ Tudo me nega a Ventura:  
 „ Nas vossas grutas limosas  
 „ Não me negueis sepultura. „

Nisto corro de repente  
 Furioso a precipitar me  
 Do lugar mais eminente;  
 Eis que sinto segurar me  
 Hum braço forte, e potente.

Vejo hum Velho venerando;  
 Não vi rosto tão amavel!  
 Que a suave voz alçando,  
 Me vai benigno, e affavel  
 Pouco a pouco socegando.

„ Ah Tionio venturoso!  
 (Terno me diz) „ Tu serás  
 „ Dos mortaes o mais mimoso!  
 „ Abre este livro, e lerás  
 „ Teu Horóscopo ditoso.

„ Ve-

„ Verás d'onde te provem  
 „ A mudança do teu Fado ;  
 „ Louvarás a mão por quem  
 „ Do sacro Emphyreo enviado  
 „ Tão alto prazer te vem. „

„ O teu grande Bemfeitor ,  
 „ Que tantas mercês te faz ,  
 „ Cujó peito he todo amor ,  
 „ Candura , pureza , e paz ,  
 „ He quem foi teu Protector. „

„ Josino , filho querido  
 „ Da maior das Heroínas ,  
 „ Tão felizmente nutrido  
 „ Com suas sabias doutrinas ,  
 „ He dos Ceos tão attendido ,

„ Que hoje , meu Tionio amado ,  
 „ Tem os Numes superiores  
 „ Em Consistorio assentado ,  
 „ Que quem mer'cer seus favores  
 „ Não possa ser desgraçado. „  
 „ Ven.

» Vendo enfim com que bondade  
 » Em seus beneficos braços  
 » Exalta a tua humildade,  
 » Unindo-te a si nos laços  
 » Da mais estreita amizade :

» Vendo enfim que já cedia  
 » O teu coração imbelle  
 » A' fatal melancolia,  
 » O Ceo, em respeito a elle,  
 » He que a salvar-te me envia. »

» Eu sou Protheo, que do Fado  
 » Guardo os decretos divinos  
 » Neste volume sagrado :  
 » Vê nelle os altos Destinos  
 » Do teu Heróe sublimado. »

Em quanto elle assim fallava,  
 Transportado de alegria,  
 Meu coração palpitava;  
 E o prazer em que me via  
 Em extasis m'elevava.

Eis-

Eis que abre o Livro, e eu vendo  
 Da Sorte as rodas fataes,  
 Em que subindo, e descendo  
 Vão os miseros Mortaes,  
 De pavor fiquei tremendo.

Os Heróes abalizados,  
 Que a par de Fortuna cega  
 Sobem de prazer c'roados,  
 Mal que o seu riso lhes nega,  
 Se despenhão desgraçados.

Os invenciveis Guerreiros,  
 Que vencendo Esquadrões fortes,  
 Se engrinaldão de loureiros,  
 Troca-lhe a Ventura as sortes,  
 Gemem tristes prisioneiros.

Sobem densos turbilhões  
 De odoriferos perfumes,  
 Que os mundanos corações  
 Consagrão aos falsos Numes  
 De suas cegas paixões.

Pc-

Pela Ambição conduzidos  
 Os féros Conquistadores,  
 Da humanidade esquecidos,  
 Se recreião nos clamores  
 Dos miseraveis Vencidos.

Tudo he confusão, e horror!  
 O Pastor maldiz a lei,  
 Que o privou de ser senhor;  
 E no throno inveja o Rei  
 A ventura do Pastor.

Ninguem escapa á Tristeza,  
 A cruel todos devora;  
 Geme o pobre na pobreza,  
 Geme o rico, e triste chora  
 Nos vís grilhões d'Avareza.

Todos os Mortaes delirão;  
 Da santa Paz a doçura  
 Em seus peitos nunca virão;  
 E em quanto pela ventura  
 Cheios de temor suspirão:

Ve-

Vejo o meu Heroe , sem susto ,  
 Tão superior , e elevado  
 A's iras do Fado injusto ,  
 Como o freixo mais copado  
 Ao rasteiro , humilde arbusto.

Pela sabia mãe guiado ,  
 Do caminho se não tira  
 A's virtudes consagrado.  
 Que modestia não respira !  
 Que ternura , e doce agrado !

A vã Soberba arrogante  
 Vai-se raivosa esconder  
 N'huma Caverna distante ;  
 Cobre a cara por não ver  
 O seu candido semblante.

Da Inveja as cruéis serpentes ,  
 De longe raivando , gritão ;  
 Rangendo os farpados dentes ,  
 Alli de raiva vomitão  
 As entranhas pestilentes,

Em

Em tanto as virtudes bellas  
 Em seu peito resplandecem,  
 Como no Ceo as estrellas:  
 Ellas por elle estremecem,  
 Elle estremece por ellas.

Já Minerva lhe confia,  
 Em chuveiros copiosos,  
 Os dons da Sabedoria;  
 Seus Alumnos mais famosos  
 Por Preceptores lhe envia.

Já Marte lhe cinge a espada,  
 Que fôra com tanta gloria  
 Por seus Avós manejada;  
 E ao grão Templo da Memoria  
 Em seus triunfos levada.

Todos os Numes sagrados,  
 Deixando os solios luzentes,  
 Baixão sobre elle apinhados;  
 Todos procurão contentes  
 Assistir-lhe desvelados.

**Côm**

Com seu influxo benigno  
 As procellas não receia  
 Do inconstante Destino ;  
 Nas vanglorias não recreia  
 Seu pensamento divino.

Só ama a sua riqueza  
 N'aquellas horas felices,  
 Que com prodiga grandeza  
 Vai tirar os infelices  
 Das crueis mãos da pobreza.

A luz da sabia Razão,  
 O santo Amor, a Humildade,  
 Estes os seus Numes são,  
 A quem no altar da verdade  
 Consagra o seu coração.

Mas quando em paz descansava  
 No regaço da Ventura,  
 E que Morféo lhe lançava  
 A mimosa ligadura,  
 Que o doce somno enlaçava:

Lhe

Lhe apparece o Deos Vendado ;  
 Contra elle, sem respeito,  
 Dispara o farpão dourado ;  
 Mas mal lhe toca no peito,  
 Cahe no chão despedaçado.

Despeja a funesta aljava,  
 Provadas settas affia ;  
 Mas quando o arco empunhava,  
 A setta, que despedia,  
 Mesmo no ar se quebrava.

„ Houve Heróe, Nume, ou Guerreiro,  
 „ Que escapasse aos meus farpões?  
 „ Este ha de ser o primeiro,  
 „ Que zombe dos meus grilhões,  
 „ Que escape ao meu captiveiro? „

Assim gritando delira ;  
 Hum ferro hervado prepara,  
 Alça o braço envolto em ira ;  
 No seu semblante repara,  
 Cahe-lhe o ferro, e se retira.

Ba-

Bate as azas de repente;  
 Pelo ar, que vai cortando,  
 Espalha hum suspiro ardente;  
 Mas, pouco a pouco baixando,  
 Já vai risonho, e contente.

Reclinada sobre flores  
 Avista huma Nynfa bella;  
 Suas graças superiores  
 Fazem que morra por ella  
 De amor o Deos dos Amores,

Juntava á sua belleza  
 Altos dotes, que não são  
 Sujeitos á Natureza;  
 Sóbra á sua perfeição  
 Da clara Estirpe a grandeza.

Empunha o Cruel vaidoso  
 Hum punhal de diamante;  
 Chega-se a ella medroso,  
 Dá-lhe o golpe penetrante  
 Sobre seu peito mimoso.

Nis.

Nisto acorda espavorida ;  
 Já sente de Amor o effeito ;  
 Ella deseja rendida  
 Beijar a mão que em seu peito  
 Abrio tão doce ferida.

A' presença do Rival  
 Elle corre bem depressa ;  
 C'o mesmo feliz punhal  
 O coração lhe atravessa ,  
 Lhe dá o golpe fatal.

A impulsos da fera dor ,  
 Quebra do somno a prizão ;  
 E vendo o seu aggressor  
 C'o tinto ferro na mão ,  
 Corre a elle com furor.

Mas outro affecto o suspende ;  
 Elle já beijar procura  
 A propria mão , que o offende ;  
 Porém a sua cándura  
 Este affecto não entende.

N

» Sin.

„ Sinto em gostosa afflicção  
 „ Que me abraza hum doce lume!  
 „ Disto, Amor, dá-me a razão. „  
 Diz-lhe Amor: „ Pergüta-o ao Nume  
 „ Que já tens no coração. „

Tão veloz não rompe a esféra  
 A exalação luminosa  
 Como elle corre a Cythera  
 A contar á Mãi formosa  
 A conquista que fizera.

„ Mãi, este ferro luzente,  
 „ Por gloria do nosso Imperio,  
 „ Em rico festão pendente,  
 „ Sobre o meu assento ethéreo  
 „ Ficará eternamente. „

„ Talvez de mim triunfasse  
 „ O meu heroico Rival,  
 „ Se eu feliz não encontrasse  
 „ Hum coração divinal,  
 „ Que em tudo ao seu igualasse! „

Hy-

Hymenêo, a tocha accende ;  
 Já sobre as aras fumantes  
 De Amor as prizões estende ;  
 E os dois corações amantes  
 Em eternos laços prende.

Tudo neste fausto dia,  
 Tudo parece que vòa  
 Sobre as azas d'Alegria !  
 Dos hymnos, que a terra entòa,  
 Chega aos Ceos a melodia.

Gira a turba dos Amores ;  
 Em mil brincos se baralhão  
 Com as Graças superiores ;  
 Sobre os Consortes espalhão  
 Brandos risos, tenras flores.

Junto ao thálamo cantando  
 Estão as Vates divinas,  
 Feliz próle annunciando,  
 Suas acções peregrinas  
 Humas ás outras contando.

Quando no principio estava.  
 Das suas heroicidades,  
 E que o livro me mostrava  
 As altas felecidades,  
 Que o Fado lhe destinava;

Entre pasmos submergindo  
 Se vai pouco a pouco a mente;  
 E os meus olhos mal abrindo,  
 Me encostei, e infelizmente  
 Por meu mal fiquei dormindo.

Emfim, acordo assustado,  
 A Protheo de balde chamo!  
 Não vejo o Livro sagrado;  
 Tristes lagrimas derramo,  
 Em vão me queixo do Fado!

No estado, em que me vejo,  
 Grito aos Nomes superiores:  
 „ Eu riquezas não invejo;  
 „ Conservai-me os seus favores:  
 „ Mais altos bens não desejo. „

IDYL



I D Y L L I O I.

*O Triunfo.*

**M** Al as nitidas estrellas  
 A descorar começavão ;  
 Inda distante os Ethontes  
 Após d'Aurora marchavão ;

Quando já Tionio triste ,  
 Maldizendo o injusto Fado ,  
 Delirante conduzia  
 Para o monte o manso gado.

Amava Marfida ingrata  
 O malfadado Pastor ;  
 Ninguém havia tão triste  
 No vasto Imperio de Amor.

De

Debalde n'amante pyra  
 Lança o fido coração :  
 Marfida o tira , e consome  
 Nas aras da Ingratidão.

Nem ao menos o bem goza  
 Que o mais infeliz alcança ;  
 Os seus olhos nem ao longe  
 Vião raiar a esperança.

Passa o dia , chega a noite ,  
 Foge a noite , torna o dia ,  
 E o triste arrastando os ferros  
 Da cruel melancolia.

Luctando c'o a fera dor ,  
 Que o fido peito lhe rala ,  
 A voz solta de mistura  
 Com os ternos ais , que exhala.

» Cha

„ Caro rebanho (dizia) ;  
 „ Que vos deixe manda Amor :  
 „ Se quizerdes ter ventura ,  
 „ Procurai outro Pastor. „

„ Eu vos deixo , e vou buscar  
 „ Doce fim á triste vida ;  
 „ Corro a abraçar-me nos olhos  
 „ Da cruel , ímpia Marfida. „

„ Minha lyra , que espalhára  
 „ Tanta gloria nesta selva ;  
 „ A cujo sonoro accento  
 „ Deixaveis a branda relva ;

„ Neste tronco , que abrazado  
 „ Fôra por hum raio ardente ,  
 „ Deixo exposta ao bravo vento  
 „ De hum secco ramo pendente. „

„ Faz

„ Faz toda a nossa desgraça  
 „ Do meu bem a crueldade :  
 „ Jámais seremos ditosos ;  
 „ Marfida não tem piedade ! „

Disse , e a buscar a ingrata  
 Sóbe o empinado monte ;  
 Desce delirante ao bosque ,  
 Cruza o valle , corre á fonte.

Qual amante borboleta ,  
 Que buscando a luz mais pura ,  
 Vôa , gira , e encontra a Morte  
 Na mesma luz , que procura :

Assim eu , da mesma sorte ,  
 Corro aos olhos do meu bem ;  
 Busco morrer abrazado  
 Nos raios do seu desdem.

Emi

Emfim; encontro a tyranna,  
 Sentada a cruel estava  
 Junto de hum freixo copado,  
 Que o brilhante Sol dourava.

As Graças encantadôras  
 Festões de rosas tecião,  
 Com que o peito lhe adornavão,  
 Com que a frente lhe cingião.

As variadas boninas,  
 A fonte, que murmurava,  
 O canto dos passarinhos,  
 Doce amor tudo inspirava,

Sollicitos espalhavão  
 Os Zéfyros brincadores  
 No ar suaves perfumes,  
 Que havião roubado ás flores.

Em

Em tanto o misero Amante  
 Entre huns ramos se occultava ;  
 E o tormento , que o devora ,  
 Em silencio supportava.

Eis que hum suspiro innocente ,  
 Que do coração sahio ,  
 Foi descobrilo á tyranna ,  
 E o desgraçado trahio.

Assustada , com a vista  
 Corre a hum , e a outro lado ,  
 Até que o infeliz diviza  
 Em mortal pranto alagado.

» Importuno ! ( diz a féra )  
 » Teu louco amor que procura ?  
 » Não sabes , já por costume  
 » Que eu não conheço a ternura ?

» Ve.

„ Vejo teu peito ferido ,  
 „ Palpitar-te o coração ;  
 „ Teus ais , que os montes abalão ,  
 „ Não me fazem compaixão. „

„ Que me importa que de Amor  
 „ O incendio te devore ,  
 „ Se o meu destino , por lei ,  
 „ Me manda te não adore? „

O triste , que em mortaes ancias  
 O desengano escutou ,  
 Do fundo do coração  
 Estas palavras soltou :

„ Ah deshumana ! A tua alma  
 „ Tanto as leis do Fado préza ,  
 „ Ultrajando as Leis sagradas  
 „ Do Amor ? Da Natureza ? „

„ Ah !

„ Ah ! téme , ingrata , o castigo  
 „ Do Numen que o raio accende !  
 „ Quem a Natureza ultraja ,  
 „ Seu poder superno offende. „

„ Eu morro , morro contente ;  
 „ Mas quero , ingrata , primeiro  
 „ Do poder de Amor mostrar-te  
 „ Hum retrato verdadeiro. „

„ A verde hera abraça o tronco ,  
 „ O zéfyro beija a flor :  
 „ Vê , tyranna , no insensivel  
 „ O poder que tem Amor. „

„ Vê debaixo d'agoa fria  
 „ Namorado o peixe mudo ;  
 „ Envergonha-te , e conhece  
 „ Que Amor prende , e inflâma tudo.

„ Ou-

„ Ouve as aves deste bosque ,  
 „ Que em alternadas canções  
 „ Humas ás outras explicão  
 „ Suas amantes paixões. „

„ Vê como n'aquelle ramo  
 „ Se adorão dois passarinhos ,  
 „ Unindo em doces requebros  
 „ Os delicados biquinhos. „

„ Repara , cruel , n'aquelle ,  
 „ Que o seu bem feliz fizera ,  
 „ Como se encrespa , vaidoso  
 „ Do triunfo que tivera. „

„ Olha aquelle ... „ Eis q' o estrondo  
 De arcabuz , que se dispara ,  
 Assustada pela selva  
 A amante turba separa.

O mais terno passarinho,  
 Que gozava os dons de Amor,  
 Foi victima desgraçada  
 Do barbaro Caçador.

C'o o peito ferido vôa  
 Após a prenda querida;  
 Adêja, revoa, e cahe  
 Aos pés do cruel sem vida.

A esposa, que nas balsas  
 Não encontra o bem amado,  
 Vôa ao sitio venturoso,  
 Onde o havia deixado.

Não o encontra, ao ar se empina,  
 Para ver se o bosque o esconde;  
 Canta, escuta, outra vez canta,  
 Escuta, ninguém responde.

So-

Sobre as azas se equilibra,  
 A esp'rança lhe dá conforto;  
 Com os olhos cruza a terra,  
 Eis divisa o esposo morto..!

Tão veloz d'acceza nuvem  
 O fogo ardente não sahe,  
 Como a esposa semi-viva  
 Junto ao caro esposo cahe.

Com as azas cobre o esposo,  
 Com o bico rasga o peito;  
 Morre, e o leito do seu bem  
 He o seu funesto leito.

Marfida seus lindos olhos  
 Dos amantes não tirava;  
 E de ter sido tão féra  
 Confusa se envergonhava.

” Já

„ Já sinto ( diz ) no meu peito  
 „ A ternura , a compaixão ;  
 „ Sinto já de Amor a flamma  
 „ Devorar-me o coração . . ! „

„ Tionio , meu bem , piedade !  
 „ Na tragedia , que contemplo ,  
 „ Aprendi a amar , e quero  
 „ Dar-te de Amor puro exemplo . „

„ Já te adoro ; sim , meu bem ,  
 „ Do teu mal me compadeço ;  
 „ E em premio de tantas ancias  
 „ A minha alma te offereço . „

Tionio grita : „ Ah ! Se eu pude  
 „ Supportar tantos desgostos ,  
 „ Marfida , a minha alma cede  
 „ Ao pezo de tantos gostos . . ! „

„ Cor-

» Corramos, Marfida, ás aras  
» De Amor, dar-lhe adorações;  
» Rendidos lhe tributemos  
» Nossos fidos corações. »

De açucenas, e de rosas  
Duas grinaldas formárão;  
E, coroando-se hum ao outro,  
O templo de Amor buscarão.





## I D Y L L I O II.

### *O Recado.*

**B**Rando Zéfyro suave ;  
 Pois amas as tenras flores ,  
 Leva-me por compaixão  
 Hum suspiro aos meus Amores.

Dize-lhe em sussurro brando :  
 O teu bem me manda aqui ;  
 Sabes que fazia o triste ?  
 Morrendo estava por ti.

Todo amor , por mim te envia  
 Hum terno suspiro ardente ,  
 Pela saudade gerado  
 Dentro em seu peito innocente.

Is.

Isto dizendo, repara  
 No semblante do meu bem;  
 Vê, ao dares-lhe o suspiro,  
 Se ella suspira tambem.

Se suspirar, diligente  
 Furta-lhe o suspiro, e então  
 Corre veloz, vem trazêllo  
 Ao meu fido coração.

Mas se não suspira a ingrata,  
 Mas se desdenha os meus ais,  
 Vai suavizar outros ares,  
 Não me tornes a ver mais.



## IDYLLIO III.

### *O Engano de Amor.*

**Q**uando eu contente  
 Mil bens gozava  
 Na paz ditosa,  
 Que respirava;

Quando o meu peito  
 Outra Deidade  
 Não conhecia,  
 Que a Liberdade;

Passava a noite,  
 Passava o dia:  
 Eu satisfeito,  
 Ledo vivia.

Ora

Ora colhendo  
 Boninas bellas,  
 De que formava  
 Lindas capellas;

Ora entrançando  
 Tenras verguinhas,  
 Com que tecia  
 Alvas cestinhas;

Ora escutando  
 Os sons suaves  
 Do terno, e meigo  
 Canto das aves.

Neste innocente  
 Trato mimoso,  
 Eu blasonava  
 De venturoso.

Eis

Eis chega hum dia ,  
Dia , que o Fado ,  
Para meus males  
Tinha guardado.

Mal vinha ao monte.  
O Sol raiando ,  
N'hum valle ameno  
Eu hia entrando.

Na manhã bella  
Todo embebido  
Estava , quando  
Oíço hum gemido.

C'o a vista corro  
Todo o lugar ,  
Eis que hum menino  
Vejo a chorar.

Que

Que tens (lhe grito) ?  
 Não chores mais !  
 Quem te motiva  
 Tão ternos ais ?

A elle corro ,  
 Ao collo o trago ;  
 Na face o beijo ,  
 Mimoso o affago.

Dize , menino ,  
 Quem te maltrata ?  
 „ Quem ? ( Me responde )  
 „ He Nize ingrata ! „

„ Ser-me-hia leve  
 „ Todo o castigo ;  
 „ Mas a tyranna  
 „ 'Stá mal comigo ! „

Ti-

Tinha as mãosinhas  
 Ao Ceo levadas;  
 De pranto as faces  
 Tinha alagadas.

Basta (lhe digo);  
 Se não chorares,  
 Fazer prometto  
 Quanto mandares.

Eis de repente,  
 No chão saltando,  
 Com rosto alegre  
 Me vai guiando.

„ Ah ! Meu Tionio ,  
 ( Terno me diz )  
 „ Só tu me podes  
 „ Fazer feliz. „

Em

Em quanto o prado  
Vamos trilhando,  
As mãos mil vezes  
Me vai beijando.

Emfim chegámos,  
Onde hum ribeiro  
Se despenhava  
D'ingreme oiteiro.

Alli na relva  
Fresca, e sombria,  
Sobre a mão nivea  
Nize dormia.

Em torno as Graças  
Lhe estão cantando;  
Outras os olhos  
Lhe estão fechando.

Quaes

Quaes dos cabellos  
Laços formavão,  
Que mil desejos  
Aprisionavão :

Nas lindas faces,  
Faces mimosas,  
Outras lançavão  
Jasmins, e rosas.

No lindo collo  
Milhares dellas  
Guardavão outras  
Graças mais bellas.

Eu tal estava,  
Que me esquecia  
Do innocente,  
Que alli me guia.

Sen-

Sentia em tanto  
 Dentro do peito  
 Hum desusado,  
 Mas doce effeito !

Contente estava,  
 Q'ria chorar;  
 Q'ria partir,  
 Q'ria ficar...!

Nisto o menino,  
 Que eu tinha ao lado,  
 Me passa o peito  
 C'hum ferro hervado.

Ao ai sentido,  
 Que ao ar lancei,  
 Do doce somno  
 Nize acordei.

Que

Que te fiz (grito)?  
 Dize, traidor?  
 „ O' lá (responde)!  
 „ Conhece Amor. „

Hei de fugir-te,  
 Numen cruento!  
 Disse; e debalde  
 Fugir intento.

Sinto grilhões  
 Nos pés convulsos;  
 Grossas algêmas  
 Nos roxos pulsos.

Meus ais as duras  
 Pedras quebravão!  
 Só Nize, e Amor  
 Delles zombavão.

En-

Então me grita  
 O Deos vendado:  
 „ Julgas, Tionio,  
 „ Que és desgraçado? „

„ Morrer não queres  
 „ Por Nize bella,  
 „ Quando eu de amores  
 „ Morro por ella? „

„ Has de amar Nize;  
 „ Sim, delirante  
 „ Morrer por ella  
 „ A todo o instante. „

„ Quando te animem  
 „ Seus olhos bellos,  
 „ Hão de fazer-te  
 „ Morrer de zêlos. „

„ Has

„ Has de soffrer  
 „ A crueldade  
 „ Da mais violenta  
 „ Impia saudade. „

„ Quando o seu peito  
 „ Vires piedoso,  
 „ Então, Tionio,  
 „ Serás ditoso. „

Calla-se Amor,  
 Dos olhos desce;  
 Por entre hum riso  
 Desapparece.

Eis que da boca  
 Linda, e mimosa,  
 Solta a voz terna  
 Nize formosa:

„ Ama

» Ama constante ;  
 » E persevera ;  
 » Que tudo alcança ,  
 » Quem firme espéra. »

Isto dizendo ,  
 Com gesto lindo ,  
 Do sitio ameno  
 Se aparta rindo.

Ah ! Desgraçado  
 De quem descança  
 Nos duros braços  
 Da tarda Esp'rança !

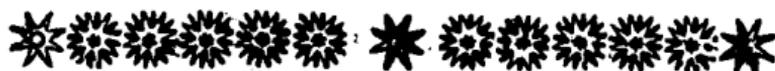
Ternos Pastores  
 Desta espessura ,  
 Ah ! Quanto invejo  
 Vossa ventura !

Se

Se q'reis livrar-vos  
Da minha dor,  
Fugi, Pastores,  
Fugi a Amor.



QUA.



## QUADRAS.

**N** Aquelle feliz instante,  
 Oh Divina Anfriza bella,  
 Em que tornaste ditosa  
 A minha infeliz Estrella:

Instante, em que me fizeste,  
 Com teu Divino favor,  
 O maior dos Venturosos  
 Que beijão grilhões d'Amor:

Quando, enfim, as minhas glórias  
 Divinal metta tocárão,  
 Os Deoses, no Sacro Olympo,  
 Contra mim se conspirarão.

Aos crueis Fados ordenão,  
 Respirando Inveja, e Zelos,  
 Que me apartem rigorosas  
 De teus lindos olhos bellos.

Em vão pertendo applacallos,  
 Seu rigor sobre mim chove,  
 Não querem, que eu goze hum bem  
 De que só he digno Jove.

Do bem, que perdeo o triste,  
 Sinta, em castigo, a lembrança,  
 Ante seus olhos não veja  
 Raiar jámais a Esperança.

Condenão-me desta sorte  
 Os crueis Deoses irados,  
 Mas hum coração, que he teu  
 Arrasta o furor dos Fados.

Ha

Ha de amar-te a seu despeito,  
No seu terno palpar,  
Com vaidade, não pertende  
Maior premio do que amar.

Sim, Anfriza, o teu Anfrizo  
Tem hum puro coração,  
Que jámais será manchado  
Pela feia Ingratidão.

Com ternos ais, e gemidos,  
Nascidos de hum nobre ardor,  
Inda ha de applacar a Jove,  
Inda ha de applacar Amor.



*Medio a minha Ventura*  
 O Destino com rigor,  
 O Prazer só dura instantes,  
 Dura seculos a dor.

G L O S A.

**T** Utelar do Téjo amado!  
 Alcipe, do Pindo Gloria!  
 Que no Templo da Memoria  
 Tens aureo Throno elevado:  
 Quando do meu negro Fado  
 Rompeste a cadeia dura,  
 Jove então, da Etherea Altura,  
 Sobre turbilhões de lumes,  
 Pela Ventura dos Numes  
*Medio a minha Ventura.*

Seja o Ente mais ditoso  
 A pezar do negro Averno,  
 (Falla assim Jove Supremo  
 Do alto Solio Magestoso : )  
 Seja em tudo Venturoso  
 Quem tem d'Alcipe o favor;  
 Seja aos Fados superior,  
 Goze o meu bem divinal,  
 Jámais trate este Mortal  
*O Destino com rigor.*

Vê como Jove premeia,  
 Grande Heroína, a Virtude,  
 Por ti rompe o grilhão rude  
 Que o triste infeliz enleia:  
 Sim, que a tua alma vagueia  
 Nos Espaços radiantes,  
 Habita os Lares brilhantes  
 Onde eterno bem se esconde,  
 Não mora nestes, e aonde  
*O prazer só dura instantes.*

T

Tu, com teu Saber profundo,  
 Por Minerva befejada,  
 Dás glorias á Patria amada,  
 Como espanto, e pasmo ao Mundo:  
 Da Inveja o monstro iracundo  
 Tu arrostas, sem pavor,  
 Teu esp'rito he superior  
 Ao Globo em que a Morte impera,  
 Aonde, por lei severa  
*Dura seculos a dor.*



RE-



## R E T R A T O .

**E** U cantei de Milanie  
 A belleza , a perfeição ,  
 As suas graças honrarão  
 A minha rude canção .

Disse , que apar de seus olhos ,  
 As fulgurantes Estrellas ,  
 Em noite escura , e serena ,  
 Não scintillávão tão bellas .

Cantei-lhe os louros cabellos  
 De que Amor tece prizões ,  
 Em que prende , em que captiva  
 Os mais livres corações .

Pro-

Provei serem suas faces  
 D'Amor dois jardins amenos,  
 Consagrados ás purpureas  
 Fragrantes Flores de Venus.

Cantei-lhe o collo nevado,  
 O peito de neve pura,  
 As Graças, que lhe guarnecem  
 A torneada cintura.

Fiz hum quadro tão perfeito  
 Da sua rara belleza,  
 Que ao vello ficou pasmada  
 De ufania a Natureza.

Ah gentil Marcia divina!  
 Julgas que fiquei ufano!  
 Cantei quanto cantar pôde  
 Hum habil Cantor humano.

Man.

Mandou-me Amor retratar-te,  
 Deo-me tintas de mil cores,  
 Que haviam já preparado  
 Os melindrosos Amores.

Deo-me pinceis delicados  
 De diversas dimensões,  
 Feitas da felpa mimosa  
 Dos mais ternos corações.

Vaidoso tracei o quadro,  
 Depois dos pinceis beijar,  
 Intentei, Marcia celeste,  
 Teus lindos olhos pintar.

Tres vezes tentei a empreza,  
 Outras tantas suspirei,  
 Tres vezes tornei a vêllos,  
 E tres vezes desmaei.

Eis

Eis Amor me arranca as tintas,  
 Pinceis, e quadro rompeo:  
 Humano pintar não póde  
 Ethereas porções do Ceo.

Vai cantar, me diz sorrindo,  
 De Milanie a belleza,  
 De Marcia as Graças não são  
 Sugeitas á Natureza.

F I M.

Ca.

*Catalogo dos Livros que se achão de  
venda na mesma Officina na Rua  
da Atalaia ao Bairro Alto.*

**D** iurno Romano com as Rezas proprias, na fórma do Calendario dos Bispados destes Reinos, e seus Dominios 8. 1 vol. 1600.

Theatro Comico Portuguez, ou Collecção das Operas Portuguezas, que se representarão nas casas do Theatro Público do Bairro Alto, e Mouraria. 8. 4 vol. 1600.

Coro das Musas junto por Venus na casa do Sol em obsequio dos Reis Fidelissimos, e de todos os mais famosos Lusitanos, antigos, e modernos, &c. 8. 4 vol. 1920.

Rimas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage 8. 3 vol. 1440.

Igreja Militante protegida pelo Omnipotente Deos 8. 6 vol. 2400.

Novo Livro, ou Jogo de Sortes, que faz hum lindo, e gostoso entretenimento das Companhias sociaes, inteiramente diverso, e com outra dispo-

posição de hum impresso no anno de 1797, com o titulo de *Recreio Honesto* 8. I vol. 480.

Historia da Acclamação do Senhor Rei D. João IV. com huma serie Chronologica dos Senhores Reis de Portugal, épocas do seu Nascimento, patria, idade em que começarão a reinar, Casamentos, Filhos, lugar onde falecêrão, onde jazem, e as suas acções mais gloriosas 8. I vol. 480.

Lições de hum Pai a huma Filha sua na primeira idade 8. I vol. 480.

Historia do Imperador Carlos Magno, e dos doze Pares de França 8. 3 vol. em hum tomo 480.

A Fé dos Catholicos, Obra dirigida a instruir, e confirmar na sua crença os Catholicos, e a mostrar aos que o não são, que não tem razão alguma para os accusar de que vivem errados, nem algum justo motivo para viverem separados delles 8. I vol. 480.

Mappa Breve da Lusitania antiga, e Galliza Bracarense, no qual em seis Taboas Corograficas se noticia todas as Cidades, e Povoações que flo-  
re-

recêrão nos Seculos passados em todas as seis Provincias em que se divide Portugal , e juntamente se nomeão os Póvos que as habitarão , e defendêrão dos inimigos : os Montes mais celebres que formoseão seu Paiz : os Rios notaveis : os Promontorios , e Ilhas que setvião de baliza á sua navegação , e as Vias Militares que franqueavão a passagem aos Consulles Romanos , e suas Tropas 8. 1 vol. 480.

Historia do Naufragio , e Cativoiro de Mr. Brisson , Official da Administração das Colonias Francezas , com a descripção dos Desertos de Africa , desde o Senegal até Marrocos , 1 vol. de 8. 400. réis.

Adão remido por Jesu Christo , Poema Evangelico 8. 1 vol 400. réis. :

O Tolo por arte , e o Sabio por geito , dois Tomos em hum só volume , ou o Anti-Machiavelismo , nova Sciencia , e Arte para que cada hum dos Homens possa escapar aos detrimentos da Sociedade : obra muito necessaria para quem deseja viver no Mundo

do com amigos , honra , 'e paz ,  
480.

Viagens de Gibraltar a Tangere , Salé ,  
Mogador , Santa Cruz , Tarudante ,  
Monte Atlas , e Marrocos , usos , e cos-  
tumes dos Mouros , descripção do  
Haram , &c. com o Mappa do Impe-  
rio de Marrocos 1 vol. 8. 480.

Ministro de Enfermos , ou nova instruc-  
ção de os visitar , e assistir aos Ago-  
nizantes , por meio de exhortações  
Christãs , com varias Orações , e Psal-  
mos no Idioma Portuguez , e algu-  
mas paráfrases sobre alguns versos da  
sagrada Escritura , tirada de varios  
Authores pelo P. Jacome Maria Ga-  
lizia 1 vol. 8. 480.

Tratado do jogo do Voltarete , com as  
leis geraes do jogo 1 vol. 8. 480.

Relicario Angelico de Jesu Christo , e  
de Maria Santissima , adornado de  
muitas pedras preciosas 12. 1 vol.  
240.

Poesias Orientaes , que o insigne Cava-  
lheiro Inglez Guilherme Jonas , Pre-  
sidente das Justiças em Bengala , tra-  
duzio daquelles Idiomas em verso  
ri-

rimado Inglez , e ornadas agora em Portuguez 2 vol. de 8. 800.

**A** Conversão miraculosa da felice Egypcia penitente Santa Maria, sua Vida, e Morte composta em redondilhas, por Lionel da Costa, Lusitano 1 vol. 240.

**Exercicio devoto para pedir o Amor de Deos, e outras Virtudes pelo V. P. Fr. Luiz de Granada 1 vol. 12. 240.**

**Vida de Santa Margarida de Cortona, especial Advogada dos grandes Pecadores, 1 vol. 8. 400. réis.**

**Memorias Historico-Politico-Militares de Malta, e da Soberana Ordem de S. João de Jerusalem desde a sua primeira instituição até o anno de 1803 4. 1 vol. 600.**

**Tragedias de Sofonisba. — Mariamne. — Orestes. — D. Ignez de Castro, e Eufemia.**





99

3 9015 06290 7426



UNIVERSITY OF MICHIGAN

**A** 467320

